

NALGIS DE FÁTIMA WAGNER

**TEXTOS ORAIS DE INFORMANTES CABOCLOS DE CAÇADOR (SC): VARIAÇÃO
DIATÓPICA E DIASTRÁTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientador: Profa. Dra. Mariléia Reis

TUBARÃO, 2004

NALGIS DE FÁTIMA WAGNER

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:
SUBTÍTULO DA DISSERTAÇÃO**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, dia de mês de ano.

Prof. Dr. Nome de Tal

Universidade de Local

Prof. Dr. Nome de Tal

Universidade de Local

Prof. Dr. Nome de Tal

Universidade de Local

Dedico este estudo ao meu avô Alfredo de Oliveira Lemos (in memorian) que me passou sua paixão pela História do Contestado e deu-me, de alguma forma, força para contribuir com o rebuscamento histórico do sertanejo, ora tão sofrido, até os dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

À professora Mariléia, que me orientou e fez surgir em mim a paixão pela Sociolinguística;

Às autoras Scherre, Fernandes e Andrade, que através de seus estudos, orientaram-me na análise dos dados na pesquisa;

À Universidade do Contestado, pelo apoio financeiro;

À minha família: alicerce de meus objetivos;

Aos meus pais, Valdici e Nicanor, pelo amor, carinho e incentivo constante;

Ao ‘anjo’ Osmar: namorado, amigo, pai, companheiro, que, com sua força, deu-me colo para que eu pudesse concluir meus objetivos;

Aos meus filhos, Rafaela e Gustavo, razão de todo este esforço, que cresceram em meio aos livros, esperando o dia em que a mamãe não teria que “estudar primeiro” para depois poder brincar com eles;

Às amigas-comadres: Neusa, Eda, Márcia e Neiva, que muitas vezes assumiram o papel de “mãe”, não deixando que meus filhos sentissem minha ausência;

Às minhas amigas Cleudenei e Marilena, que compartilharam o difícil percurso do mestrado;

À professora Olga, que com seu olhar de mestre, incentivou-me a seguir o caminho docente da Língua Portuguesa;

A Deus, que com sua plenitude e bondade, carregou-me em seus braços nos momentos difíceis;

O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa . Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo...Também a gramática não é a língua.

(Bago-2002: 23)

RESUMO

Este estudo faz uma análise do comportamento da concordância nominal de número a partir de três amostras de textos: amostra 1 (textos orais informais), amostra 2 (textos orais formais) e amostra 3 (textos escritos) de informantes da etnia cabocla de Caçador (SC). Com base nos pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Lingüística, observamos a influência dos grupos de fatores de natureza lingüística e extralingüística (fatores internos e externos) nestas amostras. A análise dos dados apresenta-se em duas etapas: (a) descrição e análise das variáveis selecionadas em textos orais informais de um estudo de caso com informantes de etnia cabocla do município de Caçador (amostra 1) e confronto alguns resultados obtidos (na amostra 1) com aqueles obtidos nas pesquisas de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003); (b) correlação dos resultados das amostras 1, 2 e 3 desta presente pesquisa. Através da formalidade e informalidade no texto oral e escrito, apresentaremos uma análise da variação no uso da concordância nominal de número no português do Brasil, que se firma no apagamento de morfemas designativos de plural em termos do sintagma nominal.

Palavras-chave: Sociolingüística - Variação Lingüística - Concordância Nominal.

ABSTRACT

This study it makes an analysis of the behavior of the nominal agreement of number from three samples of texts: sample 1 (informal verbal texts), sample 2 (formal verbal texts) and sample 3 (written texts) of informers of the ethnic caboclo Caçador (SC). With basis the presupposed theoreticians-methodological of the Theory of the Variation and Linguistic Change, we observe the influence of the groups of factors of linguistic and extralinguistic nature (internal and external factors) in these samples. The analysis of the data is presented in two stages: (a) description and analysis of the variable selected in informal oral texts of a study of case with informers of ethnic caboclo of the city of Caçador (sample 1) and confrontation of some results gotten (in sample 1) with those gotten in the research of Scherre (1988), Fernandes (1996) and Andrade (2003); (b) correlation of the results of samples 1, 2 and 3 of this present research. Through the formality and informality in the oral text and wrote, we will present an analysis of the variation in the use of the nominal agreement of number in the Portuguese of Brazil, that if firm in the deletion of indicative morphemes of plural in terms of sintagma nominal.

Word-key: Sociolinguistic - Linguistic Variation - Nominal Agreement.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição dos informantes de etnia cabocla de Caçador (SC) na coleta de textos espontâneos, segundo os grupos de fatores extralingüísticos:.....	42
Tabela 2- Distribuição das variáveis independentes controladas	45
Tabela 3 - Número de SNs analisados nos textos orais espontâneos de informantes idosos de etnia cabocla de Caçador (SC).....	59
Tabela 4 – Relação com o núcleo e aplicação da regra X posição linear.....	60
Tabela 5– Resultados comparados: relação com o núcleo e aplicação da regra	62
Tabela 6 – Processos morfofonológicos de formação e aplicação da regra:	63
Tabela 7– Resultados comparados: percentuais de aplicação da regra na variável independente `saliência fônica`	64
Tabela 8 – Classe gramatical e marcação de plural.....	65
Tabela 9 – Distribuição da marcação de plural em SN, segundo o sexo dos informantes:.....	66
Tabela 10 – Distribuição da marcação de plural em SN segundo Sexo nos estudos correlatos entre os informantes do Rio de Janeiro (Scherre, 1988), Florianópolis (Fernandes, 1996) e Tubarão (SC) e São Borja (RS) (Andrade, 2003):.....	66
Tabela 11– Análise de posição linear e classe gramatical quanto à aplicação da regra.....	67
Tabela 12– Análise de posição linear e classe gramatical na aplicação da regra- organização hierárquica dos dados	68
Tabela 13- Dados orais da amostra 2, com aplicação da regra no SN.	69
Tabela 14- Textos escritos de informantes infantis de etnia cabocla de Caçador (SC) em séries iniciais.....	70
Tabela 15- Dados escritos com aplicação da regra de CN a SNs.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO	23
2.1	ESTATUTO GRAMATICAL DO SINTAGMA NOMINAL	23
2.2	LITERATURA NA ÁREA.....	24
2.3	GRAMÁTICA: POLISSEMIA DE SENTIDOS	26
2.4	TEXTOS ORAIS: QUESTÕES DE HETEROGENEIDADE	30
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	33
3.1	A SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA	33
3.2	TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇAS LINGÜÍSTICAS	34
4	METODOLOGIA	39
4.1	CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA 1	40
4.1.1	<i>DESCRIÇÃO DA AMOSTRA 1: TEXTOS ORAIS ESPONTÂNEOS DE INFORMANTES DE ETNIA CABOCLA DE CAÇADOR(SC)</i>	41
4.2	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA 1	43
4.3	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS	43
4.3.1	<i>GRUPO DE FATORES DE NATUREZA LINGÜÍSTICA</i>	47
4.3.2	<i>GRUPO DE FATORES DE NATUREZA EXTRALINGÜÍSTICA</i>	56
5	ANÁLISE DOS DADOS	59
5.1	ETAPA 1- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA AMOSTRA 1	59
5.1.1	<i>Variável independente ‘relação com núcleo’</i>	60
5.1.2	<i>Variável independente ‘saliência fônica’</i>	63
5.1.3	<i>Variável ‘classe gramatical’</i>	65
5.1.4	<i>Variável ‘sexo’</i>	65
5.1.5	<i>análise entre posição linear e classe gramatical</i>	67
5.2	AMOSTRA 2-TEXTOS ORAIS FORMAIS	69
5.3	AMOSTRA 3- TEXTOS ESCRITOS DE INFORMANTES EM SÉRIES INICIAIS	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, procuramos analisar o uso da concordância nominal de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal do português brasileiro. Partindo de textos orais de informantes da etnia cabocla de Caçador (SC), objetivamos contribuir no mapeamento dos estudos da concordância nominal de número, no português falado no Brasil, através do controle de fatores de natureza lingüística e extralingüística. Assim sendo, observamos as diferenças lingüísticas, através do estudo da variação da concordância nominal de número destes falantes.

Esta pesquisa baseia-se nos pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria de Variação e Mudança Lingüística da linha de Willian Labov que subsidia a descrição de fenômenos variáveis da linguagem a partir de situações reais de uso.

Antes de iniciarmos a exposição de nosso trabalho, gostaríamos de fazer uma reflexão: “Qual é a nossa reação diante do “erro gramatical” no texto oral de falantes do português brasileiro?”

Evidentemente, no nosso dia-a-dia, confrontamo-nos com os chamados “erros gramaticais” instaurados pela gramática normativa, que prescreve e institui como “erro”, tudo que não é regra por ela estabelecida.

Para Bagno (2001:24),

“A velha divisão entre “certo” e “errado” tem de ser guardada nos arquivos da história, junto com as concepções astronômicas que firmavam que a Terra é plana e ocupa o centro do universo, e com as crenças da Biologia arcaica de que as moscas nascem da carne podre... Foram passos dados na evolução do saber do homem, que já progrediu muito de lá pra cá e não pode nem quer ficar parado no tempo. Além disso, o velho conceito de “certo” e “errado” reflete esquemas sociais de autoritarismo e intolerância que não são mais admissíveis nos dias de hoje.”

Seria absurdo então, dizer que a língua falada no Brasil é somente “o português da gramática normativa”. Devemos observar que esse português do Brasil, com suas variantes, difere-se do português europeu. Se assim não o for, implicaria num esquecimento sério e perigoso de que há muita coisa nesta língua que é caracteristicamente nossa, de que esta língua é parte integrante de nossa identidade cultural, construída a duras penas.

Especificamente, em relação ao estudo da concordância nominal, percebemos que há uma tendência a rotular de *erradas* apenas as formas que fazem correlação estreita com classe social baixa, consciente ou inconscientemente.

Para Scherre (2002:225), tendem a fazer mais concordância nominal as pessoas de classes com maior prestígio social e, que, em seu estudo, coincidiram com as que constituem o grupo de informantes de escolaridade mais alta. Tendem a fazer menos concordância pessoas de classes com menor prestígio social, embora todos os brasileiros, em maior ou menor grau, deixem de fazer concordâncias no uso espontâneo da linguagem em contextos sintáticos regulares.

Têm-se ouvido colocações de autores prescritivistas do português brasileiro apontando que a falta de concordância de número em certos elementos dos sintagmas nominais tem se dado como consequência da má qualidade do ensino no Brasil, especificamente o de língua materna ministrado aos escolarizados, aliado ao ‘mau’ português dos que nem alfabetizados são. Que o ensino de língua materna no Brasil tem sido mal conduzido, bem o sabe-

mos. Mas, nem por isso parece verdadeiro o fato de aceitarmos a ausência da flexão de alguns elementos dos sintagmas nominais constitui um ‘mau’ uso da língua, por acreditarmos que a internalização das regras sintagmáticas de concordância de uma língua (nominal/verbal) ser parte inerente do sistema lingüístico, como também o é a internalização destas regras nas demais línguas indo-européias (inglês, francês, espanhol, etc.).

No Brasil, estudos descritivistas têm apontado que a variação da concordância – no sentido do apagamento de marcas no morfema de número – é mais característico de classe social, indiferentemente da localização geográfica em que o falante esteja inserido.

Para testarmos esta hipótese, organizamos os dados desta pesquisa em duas etapas: na primeira, descrevemos e analisamos a amostra de textos orais espontâneos (informais) de informantes caboclos (amostra 1) de Caçador (SC), nos moldes dos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003); etapa que tomamos como *a mais relevante* da pesquisa. Na segunda etapa, confrontamos os resultados obtidos na primeira (etapa), especificamente os obtidos na amostra 1, com os das amostras 2 (textos orais não-espontâneos (entrevistas em rádio e televisão) de informantes com escolarização de pós-graduação (especialização e mestrado) e com os da amostra 3 (textos escritos a partir de produção textual de informantes de séries iniciais, com um ano de escolarização), por serem essas três amostras constituídas de textos de informantes caboclos da região urbana da cidade de Caçador (SC)¹.

Além de analisarmos o uso da concordância nominal dos informantes caboclos escolarizados e não-escolarizados (aqui, neste caso, sem fazer distinção de níveis de escolarida-

¹ Etnia cabocla: Usamos textos falados e escritos de informantes caboclos da cidade de Caçador (SC) como *corpus* para exploração do nosso fenômeno em estudo, especificamente por três razões: (i) não termos nenhum material de pesquisa de texto oral na região do meio oeste catarinense; (ii) pelo histórico da etnia cabocla que muito contribuiu para a formação cultural da cidade de Caçador (SC); construção de um futuro projeto interdisciplinar na instituição Universidade do Contestado, para que todos os discentes e docentes pesquisadores possam usufruir o material coletado.

de, mas observando o letramento² de cada um), confrontamos os resultados da amostra 1 com os de estudos anteriores ao nosso: “Reanálise da concordância nominal em português” Maria Marta Pereira Scherre (1988), “Concordância nominal na região sul” de Marisa Fernandes (1996), e “Rupturas e contínuos da concordância em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)” de Leila Minatti Andrade (2003).

Nas diversas situações comunicativas, podem existir maneiras diferentes de se dizer uma mesma coisa, o que vale dizer que as línguas se sujeitam a variações, que podem (ou não) desencadear mudanças. Pode-se perceber numa língua, continuamente, a existência de formas diferentes com um mesmo significado ou função comunicativa. Uma vez em competição, a forma mais antiga pode desaparecer e a inovadora implementar-se hegemonicamente, efetivando-se assim uma mudança lingüística. Essas diferentes formas que se referem ao mesmo estado-de-coisas, com um mesmo valor de verdade, são chamadas de *variantes* e o conjunto delas, *variáveis* (cf. Labov, 1978:02). As variáveis lingüísticas se exprimem em função de diversas dimensões, dentro e fora do sistema lingüístico: (i) as variáveis *internas* ou estruturais estão organizadas em grupos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica e lexical, e (ii) as *externas* correspondem a grupos de fatores *individuais* (sexo, faixa etária, grupo étnico), *diatópicos* ou geográficos, *diastráticos* ou sociais (escolaridade, nível de renda, profissão, classe social) e *situacionais* ou contextuais (estilo: grau de formalidade e tensão discursiva). Num plano diacrônico, a variação lingüística se exprime também em função da dimensão *histórica*.

Nesta *introdução*, apresentaremos, em linhas gerais, nossa proposta de pesquisa, as considerações iniciais a um estudo variacionista em função da dimensão *estilística* (perfil socioestilístico da amostra) e a definição de alguns termos mais recorrentes no desenvolvi-

² Conforme Soares (2001:23), letramento envolve o entendimento do processo de aprendizado da escrita, considerando seus níveis, ou seja, os usos de leitura e da escrita.

mento do trabalho. Especificamente, procuraremos justificar a importância da efetivação da pesquisa.

A seguir, na segunda seção, será discutida *A descrição do fenômeno em estudo* que se subdivide em quatro itens i) *o estatuto gramatical do sintagma nominal*- conceitos sobre a formação do SN (núcleo e seus modificadores), ii) *a literatura na área*- histórico dos estudos da concordância nominal no Brasil, desde 1976, com Scherre e Braga, até 2003, com Andrade, e iii) *a gramática e seus conceitos*- contextualização do que a literatura tem definido sobre o que é gramática, partindo, por exemplo, de Possenti (2000:63) que a define como um conjunto de regras, que *devem ser seguidas, que são seguidas e que o falante domina*; e iv) *textos orais: questões de heterogeneidade lingüística*.

Nos *pressupostos teóricos, terceira seção*, comentamos sobre a *sociolingüística variacionista* que consiste em desenvolver ou definir modelos matemáticos que sejam capazes de associar adequadamente pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada variável independente ou grupo de fatores, a fim de que se possa medir a influência de cada um, sobre uma dada variável dependente; Em seguida, discutiremos *a teoria da variação e mudança lingüística*, quanto aos grupos de fatores de natureza lingüística e extralingüística (fatores internos e externos) e sobre William Labov e heterogeneidade lingüística, partindo de pressuposto, segundo o qual o objeto de estudo de estudo da sociolingüística é a diversidade da língua. Em seu estudo Labov tenta estabelecer várias dimensões, das quais a de maior importância é a variedade da linguagem verbal que pode ser percebida sob três ângulos principais: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa.

Na seção da *metodologia*, partimos da contextualização da constituição da amostra, distribuição, procedimentos metodológicos e análise quantitativa.

Na análise dos dados, quinta seção, apresentaremos em duas etapas: *Etapa 1* – análise e discussão dos resultados e, *Etapa 2*– cruzamento das variáveis selecionadas seguida da comparativa de resultados dos dados dos textos orais espontâneos e não-espontâneos (corpus correlato), e interpretação de textos escritos de crianças com um ano de escolaridade, verificando o reflexo do texto oral no texto escrito.

E, finalmente, apresentaremos as considerações finais acerca dos resultados alcançados em nosso estudo.

GUERRA DO CONTESTADO: EXCLUSÃO SOCIAL TAMBÉM NA LINGUAGEM CABOCLA

A opção por amostras de informantes de etnia cabocla de Caçador se deu pelo fato de fortes marcas, tanto social como moral, terem ficado no povo caçadoreense, após a Guerra do Contestado.

A chegada de poderosas forças econômicas, relacionadas à expansão capitalista do início do século, foi fator decisivo na deflagração da crise que levou à luta armada. Tais forças econômicas foram consubstanciadas na construção da ferrovia, na exploração comercial da madeira e na colonização. Como consequência disso, ocorreu uma progressiva marginalização do caboclo que vivia na Região Contestado.

As proporções que a Guerra do Contestado alcançou e a repercussão que teve são aspectos dignos de nota. Houve participação de mais da metade do exército republicano brasileiro, a utilização de armamento pesado e operações que envolveram o pioneirismo da aviação militar em operações de guerra. As somas também apontam para a morte de aproximadamente 8.000 brasileiros, na grande maioria, sertanejos pobres que viviam na região contestada.

Esse sertanejo, também chamado de “caboclo” (bugre e branco), vive ainda hoje às margens da sociedade. Com sua simplicidade, distancia-se de outras etnias, principalmente da européia. Neste distanciamento social sofre uma discriminação, principalmente do seu jeito de “falar”.

Deste modo, sabendo que a população caçadoreense é também formada por descendentes caboclos, julgamos ser de fundamental importância para o entendimento da identidade cultural, o resgate de memórias e preservação da cultura e o rebuscamento de informações sobre o texto oral desta etnia.

JUSTIFICATIVA

Em razão de não termos nenhum trabalho voltado à análise de textos orais da fala cabocla, mais precisamente em Caçador-SC, julgamos ser necessária uma descrição dos textos orais dos informantes caboclos deste município, envolvendo um estudo da variação da concordância nominal de número na fala. Depois, em pesquisas futuras, pretendemos correlacionar os resultados aqui alcançados com amostras de uma população cabocla mais jovem, para investigarmos se está havendo (ou não) uma mudança lingüística em progresso.

Daí, a relevância da busca de informações sobre informantes da região de Caçador no desenvolvimento deste trabalho, no sentido de obtermos, ainda com descendentes diretos de informantes caboclos mais antigos (hoje, todos na terceira idade), dados para estudos descritivistas da fala do português neste município.

Assim, além da descrição e contextualização sócio-histórica da fala de informantes caboclos da terceira idade, a presente pesquisa justifica-se pelas seguintes razões:

Língua padrão prescritiva, determinada pelos grupos sociais dominantes, se impõe quando se trata de seu ensino a quem não a fala usualmente. A questão é particularmente grave para alunos de classes sociais baixas. A língua padrão prescrita pelos grupos sociais mais favorecidos e o seu ensino é obrigatório para todos os grupos sociais, como se fosse o único dialeto válido. Os grupos sociais menos favorecidos que têm um “dialeto” outro que não o padrão é o mais afetado, tanto lingüística quanto culturalmente. Isto porque, juntamente com as formas lingüísticas, também são impostos os valores culturais ligados às formas cultas de falar e escrever, o que implica em destruir ou diminuir valores populares. Moura e Silva (2000:75), no seu artigo “A língua tem razões que os gramáticos desconhecem” afirmam que, ainda que aceitem que uma língua seja formada por diferentes variedades (regionais e sociais), os gramáticos tradicionais trabalham com um juízo de valor que seleciona, dentre essas variedades, aquela que eles consideram mais representativa e correta. Os autores ainda questionam que se uma variedade específica é escolhida como a que melhor expressa a cultura de um povo, por que esta variedade normalmente não provém das camadas populares?

Nesse questionamento, está refletida a situação social dos caboclos na região de Caçador, por serem, na sua grande maioria, de classes menos favorecidas, além de apresentarem um dialeto não reconhecido. Para Scherre (in Bagno,2001:231), “se um falante brasileiro não faz todas as concordâncias, considera-se que ele está falando errado, que não sabe português e, por falsa consequência, que não sabe pensar”.

Podemos ver, diariamente, que crianças são bem sucedidas no aprendizado das regras necessárias para falar. A maior evidência disso é que falam. Se as línguas são sistemas complexos e as crianças aprendem, de uma coisa podemos ter certeza: elas não são incapazes. Em situações naturais e distensas, crianças e adolescentes classificados como lingüisticamente “deficientes”, quando sua linguagem é avaliada em situações de teste, evidenciam uma lin-

guagem complexa, expressiva, logicamente estruturada, embora *diferente* da linguagem de crianças e adolescentes das classes favorecidas.

A sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas. Por isso, para Santiago (1981:115), não é exagero dizer que o escritor brasileiro tem a obrigação de traduzir o seu português (língua aprendida na escola, exercida através da função individual dentro da classe dominante, uniformizada pelo convívio, aprimorada e conscientizada através dos nossos bons autores daqui e de além mar) para o brasileiro falado por pessoas de diferentes estratos sociais, que não tiveram acesso às *instâncias de purificação da língua*.

Além disso, temos também a situação social. É, segundo Labov, o mais poderoso determinante do comportamento verbal. A esse respeito, manifesta-se Scherre (1998:86),

“Em nome da “boa língua”, pratica-se injustiça social, humilhando o ser humano, como meio de não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconscientemente pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto, a escola e a sociedade, da qual a escola é reflexo, fazem associações sem qualquer respaldo lingüístico... Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é instrumento de dominação; língua é instrumento de opressão. Gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como instrumento de libertação”.

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, a prática revela um alto grau de variabilidade, pela grande maioria da população. Para Bagno (2001:163),

“No Brasil, temos uma situação de diglossia³ bastante peculiar. Embora não tenhamos duas “línguas diferentes, como no caso do Paraguai, existe uma distribuição bastante desigual dos usos atribuídos às variedades mais padronizadas... Embora se diga que “aqui todo mundo fala português”, existem “portugueses” que valem mais do que os outros.”

³ Diglossia vem do grego e significa duas línguas. Este termo é usado pela Lingüística para designar uma situação em que duas línguas são usadas ao mesmo tempo por uma mesma comunidade de falantes, sendo que uma delas em geral tem um status sociocultural mais prestigioso que a outra.

A importância da língua falada para o estudo lingüístico é evidente, pois é principalmente nela que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua. Estudos sociolingüísticos devem desenvolver caminhos metodológicos a fim de descrever, na concretude de usos lingüísticos, o que é normal, usual, objetivamente mensurável, na heterogeneidade das variações da fala de determinadas regiões. Sendo assim, a pesquisa lingüística deve estar a serviço de um dos direitos do cidadão: o direito à fala, à expressão de cada grupo social, em sua especificidade e substância própria.

Partindo desses pressupostos, analisar os fenômenos lingüísticos, envolvendo texto oral do caboclo do Contestado, pode nos dar uma visão mais ampla do estudo da concordância nominal de número no texto oral, da região centro-oeste catarinense, e assim, entender a diversidade lingüística dos grupos sociais construída ao longo do tempo e da história.

OBJETIVO GERAL

Através da descrição e análise das amostras orais, constituintes deste estudo, pretendemos investigar os fatores lingüísticos e extralingüísticos, seguindo a Teoria da Variação Lingüística, que estejam condicionando o uso variável da concordância nominal de número em textos orais de informantes da etnia cabocla da região de Caçador (SC).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Atestar a aplicação, ou não, da regra de concordância nominal de número, os fatores lingüísticos e extralingüísticos que estejam motivando o uso variável da concordância nominal de número, com base em Scherre (1988), sob a perspectiva da sociolingüística laboviana.

Captar, em situação não-espontânea (entrevista em rádio e televisão), as formas de expressividade natural e mecânica do texto oral dos informantes selecionados.

Observar o reflexo do discurso oral em textos escritos, em amostras de crianças das séries iniciais, com um ano de escolarização, em fase inicial da aquisição da escrita.

Correlacionar os resultados obtidos, no que diz respeito à concordância nominal de número, neste trabalho, com os anteriormente feitos: Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003).

Contribuir para a realização efetiva de uma gramática descritiva do português falado no Brasil.

HIPÓTESE GERAL

Hipotetizamos, em nossa pesquisa, que, segundo os moldes dos estudos anteriores (Scherre, 1988; Fernandes, 1996; Andrade, 2003), será grande a probabilidade de os falantes caboclos também reterem a presença de morfema de número nos primeiros constituintes do SN, diferentemente dos outros elementos do sintagma. Ratificamos nossa hipótese a partir de exemplos, como em (1) e (2), abaixo:

(1) “Daí, *os jagunço* ficavam *escondido*.” (CDRFBEL23⁴)

(2) “Eles tudo *dos zóio amarelo*, até azul.” (CDRFBEL159)

A posição linear dos elementos no SN, segundo as autoras citadas acima, é um grupo de fatores muito importante para o entendimento da variação na concordância nominal.

⁴ CDR (Caçador) – FBE (feminino, mais de 70 anos, escolarizado) L23 (linha 23)

Os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à aplicação da regra, qual seja: a de marcação de plural, e os pospostos ao núcleo do SN apresentam menor retenção de plural.

Também acreditamos que as hipóteses, segundo as quais, *o [s] é mais freqüentemente retido em palavras bimorfêmicas (pois estas aceleram a implementação da variante [s]) e em plurais com maior saliência fônica (hotéis, ovos, corações)*, serão confirmadas no presente estudo.

2 DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO

2.1 ESTATUTO GRAMATICAL DO SINTAGMA NOMINAL

A natureza do sintagma depende do seu núcleo. Trataremos mais especificamente do sintagma nominal (SN), cujo núcleo seja um substantivo (nome) ou uma palavra substantivada (neste caso, qualquer classe de palavra que esteja *exercendo a função* de núcleo do SN).

Koch e Silva (1986:23) afirmam que

"O sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma **unidade significativa** dentro da oração e que mantêm entre si **relações de dependência e de ordem**. Organizam-se em torno de um **elemento fundamental**, denominado núcleo, que pode, por si só, constituir o sintagma."

Para Perini (2001), os sintagmas mesmo apresentando grandes diferenças estruturais, têm função sintática semelhante, podendo ser sujeito ou objeto direto de uma oração; objeto direto, quando precedido de preposição podem funcionar como adjunto adnominal, objeto indireto ou ainda como predicado nominal. De tal modo, critérios sintáticos e outros, relacionados à classe gramatical do núcleo, permitem caracterizar a estrutura do SN.

O sintagma nominal (SN) se compõe de um núcleo e modificadores (prepostos ou pospostos). Podemos afirmar que o sujeito é sempre formado por um SN, assim como o obje-

to direto, e que o objeto indireto se compõe de preposição + SN. O núcleo do sintagma nominal pode ser um substantivo ou uma palavra que exerça a função de substantivo. Quando o núcleo for um pronome substantivo, este por si só representará o SN. Pode acontecer também o caso da ausência do SN. Dizemos que nesse caso o SN sujeito não se atualiza ou que sua posição não está lexicalmente preenchida.

Além do núcleo, o SN pode apresentar **determinante(s)** e/ou **modificador (es)**. Os determinantes, no SN do português, antecedem o núcleo e os modificadores podem ser antepostos ou pospostos.

No que diz respeito à concordância nominal de número do SN, observamos que, de acordo com a norma culta, deve haver uma distribuição redundante de marcas de plural ao longo do SN.

O morfema /S/ representa a aplicação da regra nos nomes em português. Este segmento fricativo não labial /S/ apresenta diferentes realizações, dependendo dos contextos fonético/fonológicos específicos (alofones determinados pelo contexto), ou em função de características regionais dos falantes do português do Brasil (alofones em variação livre).

2.2 LITERATURA NA ÁREA

O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Os primeiros estudos sobre a concordância de número no SN no português do Brasil ocorreram no início do século XX e foram feitos por dialetologistas, cujos dados foram extraídos de informantes não-escolarizados, principalmente da área rural do Brasil.

Scherre e Braga (1976) foram as primeiras pesquisadoras a abordarem os princípios teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Lingüística da linha de William Labov, em amostras de textos orais de informantes cariocas, para a descrição do uso da concordância de número em sintagmas nominais. Um ano mais tarde, Braga (1977) aborda o mesmo fenômeno em sua dissertação de mestrado em amostras de textos orais de informantes do triângulo mineiro, com controle de classes sociais (média e baixa).

Em 1978, Scherre, em sua dissertação de mestrado, avança a pesquisa ao incluir em seus estudos o controle de uma variável social: nível de escolarização, em textos orais de informantes cariocas.

Outros lingüistas deram seqüência à descrição e análise deste fenômeno: Nina (1980), com dados também de textos orais de informantes sem escolaridade (analfabetos) de uma micro-região bragantina, no Pará. Guy (1981) analisou os dados de alunos do MOBREAL, semi-analfabetos do *corpus* da pesquisa Competências Básicas do Português.

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) fez uma reanálise de seus estudos, e demonstrou, na expansão das amostras de textos orais de informantes cariocas, evidências de que há grupo de fatores lingüísticos e extralingüísticos interferindo nas possibilidades de realizações da pluralização no SN do português falado no Brasil.

Nos estudos de textos orais de informantes de Santa Catarina, contamos com os resultados obtidos no trabalho de Fernandes (1996), com amostras de dados de fala do Banco de Dados do Projeto VARSUL⁵. A autora analisa 24 entrevistas de três localidades (Paraná,

⁵ Este projeto teve início oficial em 1990 e visa à instalação de um Banco de Dados lingüísticos a partir da documentação do português falado nas áreas urbanas lingüisticamente representativas dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É composto pelas seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). O projeto VARSUL encontra-se em fase de implantação na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Santa Catarina e Rio Grande do Sul), com o controle de fatores sociais, tais como, faixa etária, sexo e escolaridade. A conclusão principal a que chega é de que as variáveis mais significativas neste estudo específico foram as mesmas constatadas por Scherre (1988), e que, portanto, os condicionamentos da aplicação ou não da regra de concordância não diferem de uma região para outra.

Outro estudo, também desenvolvido na região Sul, é o de Andrade (2003). Utilizando o banco de dados do Projeto VARSUL, descreve a fala de informantes de São Borja (RS), região fronteira com falantes do espanhol, na Argentina, buscando observar se há interferências, ou não, das regras de concordância de número do SN do espanhol na realização da concordância de número no SN português falado naquela cidade. Os resultados obtidos em São Borja foram correlacionados aos dados de fala de informantes sul-catarinenses, especificamente da cidade de Tubarão (SC), através do PROCOREXTOS⁶. O estudo de Andrade (2003) veio também corroborar os resultados dos trabalhos anteriores, acima mencionados, firmando o objetivo de contribuir para o mapeamento da concordância nominal de número no português do Brasil e, com isso, tentando amenizar os estereótipos existentes em relação à concordância nominal de número fora do normativo.

2.3 GRAMÁTICA: POLISSEMIA DE SENTIDOS

O termo *gramática*, segundo Dubóis et al (2000), tem várias acepções conforme as teorias lingüísticas; podendo-se reter quatro principais: a) descrição completa da língua, isto é, dos princípios de sua organização que comportam diferentes partes – fonologia, sintaxe, lexicologia e semântica; b) descrição dos morfemas gramaticais e lexicais - o estudo de

⁶ ('Projeto de coleta de textos' orais/escritos de falantes/escritores da região da AMUREL, projeto de pesquisa que integra o GADIPE (Grupo de Análise do Discurso: Pesquisa e Ensino)), grupo de pesquisa do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL, e que faz parte esta presente pesquisa.

suas formas (flexão) e de suas combinações para formar palavras (formação de palavras) ou frases (sintaxe); c) descrição dos morfemas gramaticais - artigo, conjunções, etc), excluindo-se os morfemas lexicais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios de modo), e a descrição das regras que regem o funcionamento dos morfemas da frase; d) modelo da competência ideal que estabelece certa relação entre o som (representação fonética) e o sentido (interpretação semântica).

Para a descrição do fenômeno lingüístico em questão, vamos inicialmente, contextualizar o que a literatura tem apresentado sobre o conceito de gramática. Na afirmação de Possenti (2000:63) a gramática é entendida como um conjunto de regras, que *devem ser seguidas, que são seguidas e que o falante domina*. As duas primeiras maneiras de conceituar “conjunto de regras” afirmam que as regras devem e são seguidas. A terceira refere-se às regras que o falante domina.⁷

Para Bagno (2001), devemos fazer distinção primeiramente entre gramática tradicional e gramática normativa. A gramática tradicional (GT) seria a “alma” de um “corpo”, chamada gramática normativa (GN). A gramática tradicional estaria no “plano das idéias”, metafísica, enquanto a gramática normativa estaria no mundo físico. A GT, por substanciar o sentido de visão de mundo ou conjunto de idéias dominantes numa sociedade, não tem autor, ao contrário da GN, às quais podemos nos referir como “a gramática de Celso Cunha”, “a gramática de Rocha Lima”, etc.

Na tentativa de não parecer um demolidor radical da GT, Bagno argumenta que a gramática tradicional é o pano de fundo da atividade científica e especulativa da Lingüística e da Filosofia da Linguagem e, que devemos bater contra os usos e abusos penetrados por aqueles que, arrancando a GT do lugar que legitimamente é o seu- o da reflexão filosófica, o da

ferramenta de investigação de processos cognitivos que permitem ao ser humano fazer uso da linguagem, impuseram-lhe o papel de doutrina canônica, de conjunto de dogmas irrefutáveis, de verdades eternas. O autor diz que não podemos falar sobre gramática sem antes termos refletido sobre as distorções ideológicas a que a GT tem sido submetida ao longo da história por aqueles que se dizem seus “defensores”, embora não sejam, de direito nem de fato, seus legítimos herdeiros.

✓ Gramática normativa ou prescritiva

De acordo com Faraco e Moura (2000), na gramática normativa, só é válido o nível culto da língua, isto é, aquele empregado, geralmente, pela imprensa escrita, pelos escritores, pela elite social e econômica. O falar regional ou caipira é considerado errado; desvio que deve ser evitado para que a língua não se degenere. Também é desprezado o nível coloquial, aquele que empregamos informalmente no dia-a-dia, como gírias e expressões populares.

Defendendo a idéia de que o ensino normativo não é um mal em si, Perini (2001:56) condena a forma de como tem sido aplicada a gramática, de maneira prejudicial ao aluno: “O grande perigo é transformar a gramática –uma disciplina já em si um tanto difícil - em uma doutrina absolutista, dirigida mais ou menos exclusivamente à correção de pretensas impropriedades lingüísticas dos alunos”.

O autor conclui que a gramática normativa deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo; não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto padrão⁸ como uma possível variedade da língua. Depois, a gramática deverá descrever, pelo menos, as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português

⁷ Interessante observar que os que falam sabem falar. Nesta lógica, significa que seguem regras, já que grupos de falantes “erram” de maneira organizada.

brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea.

Além do argumento de Perini, temos também que relevar o processo histórico de escritura da gramática normativa: suas primeiras edições foram feitas no século XVI e refletiram uma linguagem de época. Após este período, elas foram somente “reformuladas” e “atualizadas”.

✓ Gramática descritiva

Já a gramática descritiva não leva em conta o conceito de “certo” ou “errado”, pois considera que não são os gramáticos que fazem a língua, mas os falantes. Os gramáticos recolhem e analisam o material produzido pelos falantes, já que a língua é viva e dinâmica. Ela não está sujeita a regras eternas e imutáveis. Dessa maneira, podemos ter uma gramática da língua falada, do falar do caipira, do falar goiano e assim por diante. De acordo com essa concepção de gramática, existe apenas a linguagem adequada e inadequada ao contexto.

Para Luft (apud Bagno (2000:38)), um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, inclusive incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si.

Possenti (2000:23) reafirma a idéia de que o trabalho dos lingüistas é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas. As preocupações centrais são tornar conhecidas, de forma explícita, as regras de fato utilizadas pelos falantes:

“Pode haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que não devem ser seguidas, em parte como consequência do fato de que línguas mudam e as gramáticas normativas podem continuar propondo regras que os falantes não seguem mais - ou regras que muito poucos falantes ainda seguem, embora raramente”.

⁸ Sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o *status* cultural e social dessa língua, independente daquela.(Dubois et all, 2000:183)

Na verdade, as próprias gramáticas normativas comportam sempre partes bastante relevantes e extensas de descrição. Porém, freqüentemente, se não sempre, as passagens descritivas das gramáticas normativas referem-se às formas “corretas”, e por isso descrição e prescrição se confundem. O que caracteriza uma gramática puramente descritiva é que ela não tem nenhuma pretensão prescritiva.

✓ **Gramática internalizada**

Possenti (2000) define gramática internalizada como: “o conjunto de regras que o falante domina”. Refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências de palavras, de maneira tal que estas frases ou seqüências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. Dada a maneira constante – isto é, como se repete – através da qual as pessoas identificam frases como pertencendo à sua língua, produzindo e interpretando seqüências sonoras com determinadas características, é lícito supor que há em sua mente conhecimentos de um tipo específico, que garantem esta estabilidade.

Divide, então, tal conhecimento em dois tipos: a) lexical - pode ser descrito simplificadaamente como a capacidade de empregar as palavras adequadas às “coisas” e aos “processos”, etc; e b) sintático-semântico – tem a ver com a distribuição das palavras na sentença e o efeito que tal distribuição traz para o sentido.

2.4 TEXTOS ORAIS: QUESTÕES DE HETEROGENEIDADE

Em termos de português falado do Brasil, a todo o momento, reconhecemos a existência e o vigor de um preconceito lingüístico. Falantes temem a oralidade por se sentirem

distantes da norma culta. Diante de um posicionamento preconceituoso e preso ao passado, devemos argumentar em favor de uma língua não-excludente, criativa, dinâmica, “viva”.

Partindo do princípio de que são os usos que fundamentam a língua e não o contrário, defendemos a tese de que falar ou escrever bem não envolve a idade de adequar-se às regras da língua, mas de usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa determinada situação.

Porém, não podemos cometer o erro de querer priorizar o falar certo ou errado. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997:15)

“A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar os registros às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo considerando a quem e por que se diz determinada coisa”.

Através da língua, mostramos nossa cultura e nossa identidade. Se nos sentimos excluídos e distantes desta língua que falamos desde nossa primeira infância estamos refletindo a herança da colonização da qual ainda não conseguimos nos livrar. Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como *um ser que fala* e não como *um ser que escreve*.

Bagno (2001) diz que como se não fosse suficiente a diminuição da auto-estima lingüística dos falantes, temos também toda uma colaboração social: escola repressora, mídia, fantasias míticas e esoterismos de uma norma padrão. Comenta que alguns “defensores da língua portuguesa”, além de demonstrarem preconceito lingüístico, manifestam um profundo preconceito social. Esta colaboração social se autoproclama “defensora da língua portuguesa”, cristalizando a maior injustiça social de todo o planeta: a não-aceitação da heterogeneidade lingüística.

Daí que cada língua se distinga das demais, pelos seus sons específicos, e pela organização peculiar desses sons em formas funcionais.

Também, por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar. A sociedade nos impõe a sua língua, como um código de que devemos nos servir obrigatoriamente, se desejarmos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA

O modelo teórico-metodológico de análise e descrição de estudos variacionistas nos moldes da Sociolingüística Quantitativa, proposto por Willian Labov, foi fortemente difundido nos estudos de fenômenos lingüísticos variáveis. Segundo Tarallo (2002: 07) *“podem ser chamados de sociolingüistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”*. Ele aponta Willian Labov como o estudioso que, mais veementemente, insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada, opondo-se, assim, ao gerativismo que fixa seus estudos na ausência do componente social.

Uma das questões centrais da metodologia variacionista, segundo Scherre e Silva (1998), consiste em desenvolver ou definir modelos matemáticos que sejam capazes de associar adequadamente pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada variável independente ou grupo de fatores, a fim de que se possa medir a influência de outra variante de um determinado fenômeno lingüístico.

3.2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇAS LINGÜÍSTICAS

Entendemos que as mudanças temporais fazem parte da história das línguas. Nos planos sincrônico e diacrônico, podemos observar as variações da língua relacionadas a fatores diversos, tanto de ordem interna ao sistema (estrutural), quanto de ordem externa: origem geográfica, idade, sexo, escolaridade do falante, dentre outros fatores. Os falantes adquirem as variedades lingüísticas próprias da sua região, sua classe social, etc. Sabemos, porém, que toda mudança lingüística supõe variação, embora nem toda variação acarrete mudança.

Podemos, então, descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros lingüísticos básicos: internos e externos ao sistema. Dubois (in Scherre (1998:42) descreve-os da seguinte maneira):

“As formas de se conceberem as relações entre fenômenos internos e externos ao sistema podem ser associadas a duas grandes correntes dentro da história da Lingüística moderna: o estruturalismo⁹ autônomo e o funcionalismo transparente¹⁰. A primeira considera que a língua é organizada por forças unicamente internas ao sistema, não admitindo qualquer influência de natureza externa do tipo motivação icônica. A segunda assume que todos os fatos sintáticos são resultantes de objetivos funcionais do falante, não existindo nada que seja arbitrário, considerando, portanto, que as forças que governam a sintaxe são as forças externas ao sistema.”

Para Dubois, ambas as posições são muito radicais. Assim, propõe uma visão teórico-conciliadora, denominada *funcionalismo moderado*, que reconheça a existência de forças internas e externas atuando sobre a língua e que a considere como um sistema adaptativo, cujo funcionamento é regido por forças internas em competição, forças externas igualmente em competição e forças internas e externas em competição entre si que, mais cedo ou mais tarde, caminham para uma resolução.

⁹ O estruturalismo autônomo reconhece apenas forças de motivações internas ao sistema.

¹⁰ A visão teórica do funcionalismo transparente não dá conta do fato de que as categorias gramaticalizadas são conservadas para serem novamente usadas.

Possenti (2000:146) “brinca” com seus leitores, ao afirmar que os sociolinguistas sabem coisa que os mortais comuns, que só ouvem falar de língua na escola e nos manuais, desconhecem. A mais óbvia é que todas as línguas têm formas variáveis e que tais variações não se dão aleatoriamente, mas se devem a dois tipos de fatores, que coocorrem: um fator, *interno* à língua (lingüística), e outro *externo* (diatópica, diastrática, estilística e histórica), relacionado ao grupo social ao qual o falante pertence.

Nesses termos, podemos afirmar que o modelo laboviano de variação prevê, então, que as variáveis se acomodam ou *internamente* ao sistema (fenômenos regulados por pressões do próprio ambiente lingüístico) ou *externamente* (fenômenos controlados por pressões sociais), ou ainda, estas variáveis são reguladas por fatores internos e externos ao mesmo tempo.

Possenti (1998:76) reafirma o pensamento de Dubois, ao dizer que, se houver um fator interno que condiciona à variação, a escolha de uma das variantes só ocorrerá se houver também um fator externo favorável. Labov discute essas questões, no debate, com Lavandera.

No fenômeno investigado, estamos controlando a variação da concordância nominal a partir de grupos de fatores tanto de natureza lingüística quanto de natureza extralingüística.

Bentes e Mussalin (2001) afirmam que cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos pólos extremos e opostos são representados pela formalidade e informalidade. Significa dizer que, em determinadas situações, em uma sociedade pode-se considerar adequado utilizar variedades lingüísticas.

No que diz respeito aos fatores extralingüísticos, a variável observada nas línguas pode ser classificada como:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças lingüísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social.

Contrariando a idéia de que a língua é homogênea, Willian Labov afirma que o objeto de estudo da sociolingüística é a diversidade da língua. Em seu estudo, ele tenta mostrar o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variedade da linguagem verbal que está relacionada a um conjunto de fatores socialmente definidos: i) a identidade social do emissor, ii) a identidade social do receptor e iii) as condições da situação comunicativa.

Para Labov (apud Monteiro (2000:58)), todo enfoque lingüístico teria que necessariamente levar em conta a questão social da linguagem, em virtude da natureza do fenômeno que é a linguagem.

“Para haver melhor entendimento entre língua e sociedade, deve ter em mente que a língua não é simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas também um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. E essa relação, porém, é muito mais profunda de que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explicam os fenômenos de diversidade e até mesmo da mudança lingüística”.

O estudo a respeito da fala dos negros de New York, Labov não nega que o fracasso escolar das crianças dos guetos (bairros onde se isolam minorias discriminadas por razões raciais ou econômicas – nos Estados Unidos) deu origem à teoria da deficiência; ao contrário, ele constata que, em seus estudos sobre os guetos enquanto comunidade lingüística, entre as crianças havia um fracasso escolar muito mais grave que aquele que vinha sendo denunciado. Entretanto, rejeita completamente o conceito de “deficiência lingüística”. A afirma-

ção de que as crianças dos guetos vivem num contexto de “privação lingüística”, recebendo pouca estimulação verbal, ouvindo uma linguagem mal-estruturada e que, por isso, tornam-se lingüisticamente deficientes, é inteiramente falsa. Ao contrário, as crianças dos guetos recebem muita estimulação verbal, pois vivem banhadas em estimulação verbal da manhã à noite e participam de uma cultura intensamente verbal.

Contra a teoria da deficiência lingüística, a que se refere, freqüentemente, como “teoria da privação verbal”, Labov (apud Monteiro (2000)) insiste na importância social do papel social do lingüista, porque ele pode demonstrar a falácia da teoria, construída por especialistas que não conhecem a natureza da linguagem e não têm uma noção correta das relações entre dialeto-padrão e dialeto não-padrão, além de outras questões, e não reconhecem o fator social como o mais poderoso determinante do comportamento verbal. Naquele modelo, quando avaliados em situações naturais e distensas, crianças e adolescentes de classes menos favorecidas, foram classificados como lingüisticamente “deficientes”. Entretanto, aqueles falantes mostraram uma linguagem complexa, expressiva, logicamente estruturada, embora *diferente* da linguagem de crianças e adolescentes de classes favorecidas.

Na avaliação dessa *diferença* entre o dialeto das camadas populares e o das classes favorecidas, a posição de Labov chega a ser exatamente contrária à posição dos partidários da teoria da deficiência lingüística: segundo ele, os falantes pertencentes às camadas populares narram, raciocinam e discutem com muito mais eficiência que os pertencentes às classes favorecidas, que contemporizam, qualificam, perde-se num excesso de detalhes irrelevantes. O dialeto das classes favorecidas, segundo o autor, caracteriza-se pela “verbosidade”, que transmite a impressão de que o falante é competente, mas apenas por uma determinação cultural: já que as pessoas que usam esse dialeto fazem parte da classe dominante, logo determinam qual linguagem deve ser racional, lógica, inteligente; e a verbosidade é vista como flexibilidade, riqueza vocabular e sintática.

Ainda, para o autor, o dialeto popular é um sistema perfeitamente estruturado e coerente. Nunca, como supõe a teoria da privação verbal, um acúmulo de “erros” causados pela incapacidade de seus falantes de usarem o dialeto-padrão. É, sem dúvida, um outro sistema, estreitamente relacionado com o inglês-padrão, mas que se distancia deste por numerosas diferenças persistentes e sistemáticas, isto é: o dialeto não-padrão difere do dialeto-padrão de modo regular e de acordo com regras, e favorece formas equivalentes para a expressão do mesmo conteúdo lógico.

As atitudes, em relação às condições sociais dos que utilizam- um dialeto não padrão, têm origem numa estrutura social que separa, de forma discriminativa, grupos de indivíduos em classes, em minorias, étnicas, econômicas etc.; são por isso, atitudes fundamentalmente resistentes à mudança. Para Labov, só uma transformação da estrutura social poderia tornar possível essa mudança de atitude.

Bagno (2001:140) refere-se a essa discriminação da seguinte maneira:

“Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito lingüístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização”.

Este preconceito é alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em jornais e revistas, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” ou “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

4 METODOLOGIA

Esta parte do trabalho trata da descrição da amostra da pesquisa, dos procedimentos metodológicos da análise e dos grupos de fatores controlados. Trabalhamos com três tipos de amostras. Na amostra 1, e que constitui o foco principal de análise da presente pesquisa, descrevemos e analisamos os textos orais espontâneos (texto oral informal) de informantes não-escolarizados e escolarizados, nos moldes dos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), numa perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, de William Labov.

Com o objetivo de compararmos os resultados obtidos na ‘amostra 1’ (amostra considerada a de sustentação fundamental para esta pesquisa), no sentido de aumentarmos a extensão do trabalho, fizemos um estudo correlato com mais duas amostras, que aqui estamos denominando ‘amostra 2’ e ‘amostra 3’. A seguir, vamos descrever cada tipo de amostra:

‘**Amostra 1**’: textos orais coletados de modo espontâneo, a partir de entrevistas coletadas nos moldes labovianos, com 4 informantes de etnia cabocla do município de Caçador (SC): 2 não-escolarizados (um do sexo masculino e um do sexo feminino e 2 semi-escolarizados, cursaram as séries iniciais de modo incompleto- um do sexo feminino e outro do sexo masculino).

‘**Amostra 2**’: textos orais não-espontâneos, coletados em entrevistas de rádio e televisão de informantes caboclos escolarizados (nível superior completo), expostos em situação comunicativa de estilo mais formal, dada a natureza das respectivas entrevistas;

‘**Amostra 3**’: textos escritos a partir de produção textual de informantes caboclos infantis de séries iniciais (com um ano incompleto de escolaridade) de uma escola pública da região urbana de Caçador.

Nos três tipos de amostra, estamos tratando de informantes caboclos da região urbana da cidade de Caçador (SC). A opção pela correlação entre amostras de natureza diferente de modalidade de código oral (espontâneo /não-espontâneo) e/ou escrito (em séries iniciais), deu-se para observarmos o apagamento da regra de concordância de número de SNs e, se estendia também a textos de outras modalidades, e que poderão dar seqüência a estudos futuros sobre o fenômeno em questão. Mesmo assim, firmamos que, as orientações metodológicas mais detalhadas da descrição das amostras vão se concentrar nas que estamos tratando de ‘**amostra 1**’. Daí, o controle das variáveis independentes utilizado em outros estudos de CN de SNs (Scherre, 1988; Fernandes, 1996; Andrade, 2003) serem aplicados somente a esta amostra: a de textos orais espontâneos, coletada nos moldes das pesquisas labovianas.

4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA 1

Os dados que constituem a amostra 1 (textos orais espontâneos) para a análise são de informantes de descendência direta da etnia cabocla, naturais da cidade de Caçador (SC). Foram coletados sob forma de entrevistas espontâneas para atenderem propostas de pesquisa que partem de pressupostos teórico-metodológicos da Teoria de Variação e Mudança Lingüística, que subsidia a descrição de fenômenos variáveis da linguagem a partir de situações reais de uso. A opção de trabalharmos com amostra de textos orais faz parte do GADIPE (Grupo de

Análise do Discurso: Pesquisa e Ensino), grupo de pesquisa do programa do Mestrado em Ciências da linguagem da UNISUL de Tubarão, que aborda propostas voltadas ao aspecto analítico-descritivo de fenômeno lingüístico aplicado. Embora as entrevistas sejam de textos orais de informantes de descendência cabocla do planalto serrano catarinense, e não especificamente de informantes do litoral sul-catarinense (AMUREL¹¹), esta pesquisa está vinculada ao GADIPE, por acreditarmos que os seus resultados poderão ter aplicação pedagógica, no sentido de melhor direcionarmos a nossa prática de ensino de língua materna nas escolas. Acreditamos que, além de este estudo contribuir para descrição do português do Brasil e até despertar o interesse por novos resultados sobre a descrição da fala cabocla no município de Caçador, sirva também de reflexão ao estudo específico da CN dos SNs do português brasileiro. Este trabalho, insere-se também em dois outros projetos integrados a este grupo de pesquisa: PROESE (Projeto de Ensino, Semiótica e Estilo: o estudo da língua como objeto de comunicação e significação) e PROCOTEXTOS (Projeto de coleta de textos orais/escritos de falantes/redatores da região da AMUREL), conforme já explicitamos nos capítulos iniciais desta pesquisa.

4.1.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA 1: TEXTOS ORAIS ESPONTÂNEOS DE INFORMANTES DE ETNIA CABOCLA DE CAÇADOR(SC)

Para a análise dos textos orais espontâneos, contamos com a participação de 4 informantes, perfazendo um total de 240 minutos de gravação (uma hora de fala de cada um). A seleção dos informantes tomou como critério fatores de natureza não-lingüística: sexo, idade e escolaridade, conforme o quadro 1:

¹¹ AMUREL - Associação dos Municípios da Região de Laguna: Armazém, Braço do Norte, Capivari-de-Baixo, Grão-Pará, Imaruí, Ibituba, Jaguaruna, Laguna, Orleans, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, Treze de Maio e Tubarão.

Tabela 1- Distribuição dos informantes de etnia cabocla de Caçador (SC) na coleta de textos espontâneos, segundo os grupos de fatores extralingüísticos¹²:

NÚMERO DE INFORMANTES	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
2	A	M/F	NE
2	B	M/F	E

Na tabela, ilustramos a distribuição da amostra: 4 informantes caboclos, com controle das variáveis sociais, sendo 2 deles do sexo feminino e 2 do sexo masculino. A faixa etária escolhida foi **A** (de 60 a 70 anos) e **B** (acima de 70 anos). O controle da escolaridade obedeceu ao seguinte critério: 2 informantes de escolaridade primária incompleta (1 M e 1 F), quer dizer, com grau mínimo de decodificação do sistema alfabético, por cursarem de modo incompleto as séries iniciais, e 2 não-escolarizados (1 M e 1 F), ou seja: nenhum destes dois informantes conheceu o sistema alfabético do português, por nunca cursarem as séries iniciais.

Optamos por trabalhar com informantes de Caçador, residentes na região urbana pelo fato de que, nesta cidade, não haver nenhuma pesquisa de natureza lingüístico-descritivista com base em textos orais de falantes de etnia cabocla.

O total de SNs analisados foi de 526. Os que não tem nenhuma marca de plural, mas com quantificadores específicos, como em *Tem bastante dia que não vejo eles* (04P2L73FNE)), foram excluídos. Nestes casos, Scherre (1988) sugestiona chamarmos de *indicadores de pluralidade* e não de concordância. Concordância gramatical implica harmonia formal em pelo menos dois elementos de uma dada construção, o que não ocorre nas construções acima.

¹²Os fatores extralingüísticos serão representados como seguem: o sexo (**F** e **M**), idade (**A**-de 60 a 70 anos e **B**-mais de 70 anos) e escolaridade (**NE** – não-escolarizado e **E** – escolaridade primária incompleta)

4.2 DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA 1

A entrevista com os informantes foi controlada por tópicos de conversa informais (narrativas pessoais), com o cuidado de não perturbarmos a naturalidade do evento. Como não dispúnhamos de nenhum tipo de *corpus* da fala de informantes da cidade de Caçador, necessitamos efetuar todo o processo: coleta, transcrição das fitas e, por fim, a seleção dos 526 SNs analisados.

Seguimos as indicações de Tarallo (2002:30), que diz que o entrevistador deve coletar situações de comunicação lingüística e grande quantidade de material de boa qualidade sonora. Além disso, acrescenta, alguns tópicos podem servir de roteiro para o desenvolvimento da conversação, durante as entrevistas, tais como: dados pessoais do informante; jogos e brincadeiras de infância; brigas; namoros e encontros amorosos; medos; família, escola, trabalho, etc.; informações de conhecimentos sobre os antepassados, no nosso caso, conhecimentos referentes aos caboclos e à Guerra do Contestado.

4.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Nesta etapa do trabalho, vamos descrever os grupos de fatores controlados, exemplificá-los e apresentar nossas expectativas de contribuição de cada um na análise.

Em todas as comunidades de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação. Para Tarallo (2002:08), a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Vari-

antes lingüísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável lingüística”. Como vimos no capítulo anterior, a variável decorre de circunstâncias lingüísticas (condicionamento por fatores internos) e não-lingüísticas (condicionamento por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social, etc).

Na primeira etapa de nossa análise, serão apresentados os grupos de fatores controlados, segundo o percentual crescente de número de ocorrência. Depois, analisaremos cada grupo de fatores seguindo essa ordem.

Para fins metodológicos, em cada exemplo encontrado de sintagma nominal, nesta dissertação, haverá as seguintes formalizações:

número da entrevista (que pode ser de 01 a 04);

página (P1, P2, P3,...); a **linha** (L1, L2,...);

sexo (F- feminino; M – masculino);

idade (A- 60 a 70; B – mais de 70) e

escolaridade (NE- não-escolarizado; E – escolaridade primária incompleta).

Como no exemplo: “*OS BUGRE vinham e robavam criança, robavam mulher.*”

(01P2L59FBE)

Assim, a formalização anterior indica que o número dessa entrevista é 01, o exemplo foi retirado da página 5, da linha 20, o informante é mulher, tem mais de 70 anos e é escolarizada.

A seguir, apresentaremos nossa variável dependente e as independentes controladas na pesquisa.

VARIÁVEL DEPENDENTE

- presença/ausência de marca formal de plural nos SNs de textos orais de informantes caboclos do município de Caçador (SC).

VARIÁVEIS INDEPENDENTES CONTROLADAS

As variáveis independentes controladas estão dispostas no quadro 2, abaixo:

Tabela 2- Distribuição das variáveis independentes controladas

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS CONTROLADAS¹³	
1. POSIÇÃO LINEAR	
2. CLASSE GRAMATICAL	
3. RELAÇÃO COM O NÚCLEO	
4. SALIÊNCIA FÔNICA	
5. TONICIDADE DOS ITENS	
VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS CONTROLADAS	
SOCIAIS	
1. Sexo	
2. Idade	
3. Escolaridade	
DIATÓPICA	
Todos os 4 informantes são da região urbana do município de Caçador (SC)	
DIATRÁTICAS	
Todos os 4 informantes são aposentados como trabalhadores rurais, com vencimento em torno de 1 salário mínimo e meio.	

¹³ Em relação ao controle da variável independente ‘Marcas precedentes’ ou ‘Paralelismo estrutural’, chamamos a atenção para a observação da professora Dra. Odete Menon, no trabalho de Loregian (1996): nas entrevistas orais feitas nos moldes do Projeto VARSUL, tal como o foi a realizada por informantes caboclos, o controle desta variável pode deixar de ser significativo, pelo fato de o texto de 60 minutos ser proferido por um mesmo informante. Então, a probabilidade de ‘marcas levaram a marcas’ e ‘zeros levam a zeros’ (cf. Poplack, 1980) é muito alta. Como no nosso estudo os resultados em relação ao controle dessa variável se mostraram quase que categóricos, resolver refutar tal variável, embora os estudos descritivistas aqui citados mantiveram-na (Scherre, 1988; Fernandes, 1996 e Andrade, 2003).

Iremos trabalhar, praticamente, com os mesmos grupos de fatores lingüísticos que Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003). Usaram, contudo, algumas diferenças de análise, diante de alguns trabalhos dessas autoras, são apontadas:

- Em relação às variáveis extralingüísticas, trabalharemos somente com o contexto social visto que todos os informantes residem em Caçador. Objetivamos somente verificar o comportamento lingüístico dos informantes, no que se refere à concordância nominal de número;

- Não analisaremos a variável animacidade, pois esta não se mostrou significativa para o estudo da concordância nominal de número nos estudos anteriores.

- Com relação à classe gramatical dos elementos, não analisaremos o pronome pessoal, por percebermos nos trabalhos anteriores (Scherre, Fernandes e Andrade) que esta variável também não se mostrou significativa. Quando o pronome pessoal é o primeiro elemento do sintagma é sempre marcado, conforme exemplo (04):

(04) ELES faziam recomenda as alma. (01P2L75FBE);

O mesmo ocorre quando o pronome ocupa a segunda posição no sintagma, como em (05):

(05) Quando as forças passava por ali, matava tudo ELES (04P2L58FANE)

- Colocamos todos os adjetivos em um mesmo grupo. Não separamos os itens do tipo *determinado*, *mesmo* e *próprio* como foi feito nos trabalhos anteriores, porque, na presente pesquisa, não se mostraram recorrentes.

4.3.1 GRUPO DE FATORES DE NATUREZA LINGÜÍSTICA

4.3.1.1 Grupo de fatores 'POSIÇÃO LINEAR'

Esta variável se refere à posição que cada elemento ocupa no SN. Seguem, abaixo, os exemplos das posições trabalhadas. O item analisado estará em letras maiúsculas.

a) Primeira Posição

(06) OS jagunço vindo lá, eles queimam tudo.(O3P1L37MBNE)

(07) OS animal tudo na carroça co breque fechado.(02P2L44MAE)

(08) OS pai de minha mãe era Silva. (04 P1L13FANE)

(09) Ele trouxe OS outro pra morre. (01P1L38FBE)

b) Segunda Posição

(10) Dizia OS MAIS veio que ali tinha o sarto. (01P1L06FBE)

(11) A dor nAS COSTA eu passo UMAS POMADA quente pra melhora.(04P3L95FANE)

(12) Vô te dá UMAS FOLHAGEM pra você planta. (04P3L96Fane)

(13) Toco em roda, AQUELAS SOLDADESCA com AS TRINCHERA.(03P1L34MBNE)

c) Terceira e Quarta Posições

(14) AS NOSSAS MUIË já tão tudo aqui. (03P1L41MBNE)

(15) Pra adiante, UMAS DUAS LÉGUA era o acampamento de comandante jagunço.

(03P3L72MBNE)

(16) Truxeram AS TREIS IMAGEM ali na frente.(01P3L101FBE)

(17) Acho que dá UNS TREIS QUILÔMETRO cada casa. (01P31L116FBE)

Para Scherre e Silva (1998:92), em relação a esta variável, uma conclusão uniforme: a primeira posição do SN é o fator que mais favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer de forma decrescente a presença da marca formal de plural no SN. Nos estudos anteriores (Scherre, 1988; Fernandes, 1996 e Andrade, 2003) sobre o fenômeno em questão foi constatado que a primeira posição no SN é a mais marcada formalmente (presença do morfema designativo de plural).

4.3.1.2 Grupo de fatores ‘CLASSE GRAMATICAL’

Dividimos a classe gramatical em:

a) Substantivo:

(18) Os MANDAMENTO nós devia saber decor.(01P3L87FBE)

(19) Mataram muitos SOLDADO. (01P1L33FBE)

(20) Ele aqui nas FAZENDA, aqui perto de Caçador pra busca gado. (01P1L37FBE)

(21) Era de tudo os meus IRMÃO. (01P3L115FBE)

b) Categoria Substantivada¹⁴

¹⁴ Quando outra classe gramatical exerce a função de núcleo do SN, ou seja, torna-se uma palavra substantivada (função de substantivo).

(22) Os DOIS mais véio, eles, aquele meio de tempo, saiu uma conversa que lels tinha achado um guardado. (01P1L19FBE)

(23) Ele troxe os OTRO pra morrê. (01P1L38FBE)

(24) Muito ativo, dos MAIÓ que tinha naquele lugar. (03P1L10MBNE)

(25) Tinha UNS mais novo, OTROS casado. (04P1L3/4FANE)

c) Adjetivos:

Nos estudos anteriores, Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), os adjetivos foram divididos em dois grupos, *determinado*, *mesmo* e *próprio*, por terem classificação controvertida pela gramática tradicional brasileira e também os numerais ordinais e, em outro grupo, os demais adjetivos. Nesse estudo, controlamos o que chamamos de *determinado* e *demais adjetivos*, por percebermos que não houve uma quantidade significativa dos chamados *mesmo* e *próprio*. Os SNs com predicação deslocada (verbo de ligação entre o núcleo do SN e o adjetivo) também foram controlados, dada a recorrência do apagamento de marcas de plural no adjetivo, como em (26), (27) e (28):

(26) Não sei, mas diz que lá tavam ENTERRADO. (04P2L54FANE)

(27) As cachorrada eram BRABU. (03P2L88MBNE)

(28) Eles eram ACOSTUMADO no mato, né? (01P1L34FBE)

d) Possessivos:

(30) Era de tudo os MEUS irmão. (01P3L114FBE)

(31) Os MEUS tio vieram vindo pra cá. 9 04P1L22FANE)

(32) Temos NOSSOS fio, NOSSOS neto. (04P1L27FANE)

e) Quantificadores¹⁵:

(33) E ficavam TODOS junto, ali (02P1L32MAE)

(34) Teve padre que tirô TODAS as imagem. ((01P3L103FBE)

(35) Naquele tempo eram POUCAS pessoa que tinha estudo. (01P5L214FBE)

(36)Lá no Cará, chegou os DEIS alemão. (03P1L25BNE)

f) Indefinidos:

(37)Ele via MUITA gente, MUITAS cruiz... (02P1L23MAE)

(38) Nós achemo, umas panela de ferro, MUITAS panela de ferro. (01P1L22FBE)

(39) Esse fais MUITOS ano já, no tempo do Contestado, cê já viu, né? (03P1L12MBNE)

(40) Eles matavam MUITOS soldado. (04P2L56FANE)

g) Demonstrativos e Artigos (definidos e indefinidos)

(41) ESSAS barata era pra comê. (01P1L40FBE)

(42) Fazia AQUELES pão, assim, bem salgado. (02P1L20MAE)

(43) Não aborreça muito AS pessoa. (16SBO0046MBPRI)

(44) De repente veio um avião. AQUELAS veinha, minha Nossa Senhora! (02P2L34MAE)

(45) Minha mãe chamava AS criança pra se junta com ela. (04P1L41FANE)

Com relação à classe gramatical, acreditamos que os substantivos e os adjetivos tendem a reter menos marcas que os determinantes (artigos, pronomes, numerais), por ocuparem principalmente as segundas e terceiras posições.

4.3.1.3 Grupo de fatores ‘RELAÇÃO COM O NÚCLEO’

Refere-se à posição que os elementos ocupam em relação ao núcleo dentro do SN e está dividida em: *classe não-nuclear anteposta ao núcleo*, *classe nuclear* e *classe não-nuclear posposta ao núcleo*.

a) Classe não-nuclear anteposta ao núcleo na primeira posição:

(46) AS muié chorava por não ter o que dá de comê pros fio. (04P1L36FANE)

(47) Quando tava OS alemão fazendo colônia. (03P1L28MBNE)

(48) Daí Os porco fuçaram e ele se incostô assim e ficô sentadinho. (01P1L05FBE)

(49) Consegui me agarra nOS barranco, NUMAS raiz. (02P1L27MAE)

b) Classe não-nuclear anteposta ao núcleo na segunda posição:

(50) Nem sei dizê quantas muié morreram co’as SUAS criança naquele lugar.(04 P2L77FANE)

(51) Só sobrô, daquelas pessoa, uns MÉSERO morador. (04P2L90FANE)

(52) Os DOIS lenço vermeio, no pescoço. (02P1L01MAE)

(53) Daí eles falava que tinha boitató, mula-sem-cabeça, tudo ESSAS história, tudo eles falava.

(01P1L61FBE)

¹⁵ Chamam-se quantificadores os determinantes que indicam a quantidade através da qual um substantivo é definido (todo, dois, alguns, um ...)

c) Classe nuclear na primeira posição:

(54) Os dois era SÓCIO.(01P3L158FBE)

(55) Ficam JAGUNÇO. (01P5L202FBE)

(56) Voceis são BURRO. (03P1L03MBNE)

d) Classe nuclear na segunda posição:

(58) Os ALEMÃO disseram assim. (03P2L83MBNE)

(59) Nas FAZENDA do meu pai.(03P2L65MBNE)

(60) *Tacô* espada nas COSTA do homem. (03P2L62MBNE)

(61) Os OTRO invés de me acudi, não.(02P1L26MAE)

e) Classe nuclear na terceira posição:

(62) Um de a cavalo, ali, apertava bem os meus ARREIO. (02P1L13MAE)

(63) Nem sei dize quantas muié morreram co'as suas CRIANÇA naquele lugar. (04P2L77FANE)

(64) Os dois LENÇO vermeio no pescoço... (02P1L01MAE)

(65) Então nós apiava dos cavalos e amarrava tudo naqueles DORMENTO. (02P2L38MAE)

f) Classe não-nuclear posposta ao núcleo na primeira posição:

(66) Passaram muita fome, co'as barriga VAZIA. (04P1L18FANE)

(67) João Maria e José Maria viero em datas DIFERENTE. (04P2L75FANE)

(68) ...com os cabelo AMARRADO. (01P2L45FBE)

g) SN posposto ao SN núcleo

(70) Nós dizia o potrero dOS PORCO, né? (01P3L111FBE)

(71) Ele tava falando dos tempo dOS JAGUNÇO. (01P04L155FBE)

(72) O segundo monge gostava de oiá as muié dOS FAZENDERO. (04P2L80FNE)

(73) Foi tirado a maioria das image dAS IGREJA. (01P3L99FBE)

h) Classe não-nuclear posposta ao núcleo nas demais posições:

(74) Os cavalo correndo tudo côas carroça VÉIA BRECADADA ... (02P2L46MAE)

Conforme Scherre (1996), os elementos antepostos ao núcleo são mais favoráveis à aplicação da regra formal do que os pospostos ao núcleo; então não é o adjetivo, enquanto classe gramatical, que apresenta pouca ocorrência de marca de plural, mas o adjetivo posposto. Também não é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto. Ou seja, qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chances de conter marcas formais de plural.

4.3.1.4 Grupo de fatores ‘SALIÊNCIA FÔNICA’

O grupo de fatores deste estudo ficou assim subdividido:

A – Plural duplo – alternância vocálica e acréscimo de –S:

(78) Criando muitos PORCO, animais, pra começá a vida. (04P1L07FNE)

B – Itens terminados em –L – alterações silábicas e acréscimo de –S:

(79) Foi quando os ANIMAL se espantaram com os tiro. (04P1L42FNE)

C – Itens terminados em –R – acréscimo de –ES:

(80) E esses DOUTOR, eles vinham de fora, de Curitiba. (02P2L49MAE)

(81) As nossas MUIÉ já tão tão tudo aqui. (03P1L41MBNE)

D – Itens terminados em –S – acréscimo de –ES:

(82) Isso foi ficando pelas RAIZ da minha gente (03P2L66MBNE)

(83) Eles iam por trais daquelas CRUIZ , fazendo esquisito.(03P2L73MBNE)

E – Itens terminados em –ÃO – alteração silábica e acréscimo de –S:

(84) Os ALEMÃO viram que eles corram tudo. (03P2L76MBNE)

(85) Quando o governo entro para faze as LEGALIZAÇÃO das terra... (04P1L08FNE)

F – Plural regular – apenas acréscimo de –S:

(86) Matavam muitos SOLDADO. (01P1L33FBE)

(87) Chegavam lá, aquelas CRIANÇADA, aquele povo. (02P2L59MAE)

G – Plural regular dos itens terminados em ão – apenas acréscimo de –S:

(88) Era de tudo os meus IRMÃO. (01P3L114FBE)

(89) Nós são em cinco, eram seis IRMÃO (04P1L10FNE)

Todos os estudos anteriores sobre a saliência fônica no Brasil como os de Lemle e Naro (1974-1976); Braga e Scherre (1976); Braga (1977) e Scherre (1978); Guy (1981); Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003) chegaram praticamente às mesmas conclu-

sões: formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas do que as formas menos salientes.

4.3.1.5 Grupo de fatores ‘TONICIDADE DOS ITENS’

No trabalho de Scherre (1988), 90% dos casos de monossílabos ocorrem antepostos ao núcleo, sendo 81% artigos e 09% possessivos, os quais são marcados por esta razão, por estarem antepostos ao núcleo, e não por serem monossílabos, portanto não incluiremos na nossa análise essas duas classes gramaticais: artigos e possessivos. Trabalharemos com os substantivos, categorias substantivadas e adjetivos, assim como fez Fernandes (1996) na segunda etapa de sua análise de tonicidade. Como Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), analisaremos a *tonicidade dos itens lexicais* de forma singular, pois parece ser a forma mais coerente. Por exemplo, se encontrarmos a palavra amor, mesmo que ela retenha marcas de plural (amores), a consideraremos como uma palavra oxítona, ou seja, sempre levaremos em conta a palavra no singular.

O nosso grupo de fatores *tonicidade dos itens lexicais* ficou dividido em:

A – Monossílabos tônicos:

(90) Fazia aqueles PÃO assim, bem salgado. (02P1L20MAE)

B – Oxítonos:

(91) Hoje em dia, tem até os CAMINHÃO, os caminhão de transporte. (02P1L19MAE)

C – Paroxítonos:

(92) Consegui me agarra nos BARRANCO, numas RAIZ. (02P1L27MAE)

D – Proparoxítonos:

(93) As outras religião falam dos CATÓLICO por causa disso. (01P3L104FBE)

Nos trabalhos de Scherre (1988) e Fernandes (1996) e Andrade (2003) houve maior marcação de plural nos monossílabos e oxítonos, porém não foi um grupo de fatores significantes para o estudo da CN. Escolhemos trabalhar com esse grupo de fatores, para verificarmos, se no nosso estudo, a tonicidade se comporta da mesma maneira.

4.3.2 GRUPO DE FATORES DE NATUREZA EXTRALINGÜÍSTICA

4.3.2.1 Grupo de fatores ‘IDADE’

Os dados em análise estão distribuídos numa mesma faixa etária, por tratarmos com informantes idosos acima de 60 anos. Mas, como tínhamos 2 informantes (1 do sexo masculino e outro, do feminino) de idades similares (60 a 65 anos) e mais 2 com idades (feminino e masculino) acima de 70, resolvermos, por questões metodológicas, subdividirmos o grupo de fatores *idade*.

Exemplos:

A – Informante com idade entre sessenta e setenta anos:

(94) Quando eu era piá, de DÉIS ANO, eu tava estudando ali, no Taquara Verde, ali.

(02P1L25MAE)

(95) Que nunca passe o que NOSSAS RAÍZES passou. (04P1L28FANE)

B – Informante com mais de setenta anos:

(96) Tem O CEMITÉRIO DOS TEMPO DOS JAGUNÇO. (01P1L27FBE)

(97) TUDO vão cavocá, fazê trinchera. (03P1L33MBNE)

Scherre (1996) atesta que, dentre as variáveis tradicionais estratificadas em sua amostra (sexo, escolarização e idade), idade, quando é distinta, sempre se mostrou menos relevante, até mesmo em relação a variáveis não-estratificadas, como a do mercado ocupacional.

4.3.2.2 Grupo de fatores ‘ESCOLARIDADE’

Trabalhamos com dois níveis de escolaridade: escolarizado não-escolarizado (pouca escolaridade: analfabeto funcional). Vejamos os exemplos:

A – Escolarizado:

(98) Eu apertava bem OS ARREIO.(02P1L07MAE)

(99) MINHA MÃE dizia que ELES andavam APURADO (01P1L16FBE)

B – Não-escolarizado:

(100) Eles iam indo, sem sabê pra onde, pois estavam escapando DAS FORÇA DO GOVERNO... (04P1L23FANE)

(101) Eles matam AS CRIAÇÃO. (03P1L38MBNE)

A variável escolaridade tem sido considerada relevante na maioria dos estudos variacionistas. A hipótese que levantamos é a de que informantes mais escolarizados tendem a usar mais as formas de prestígio, pois é esta que está codificada nas gramáticas escolares e que é transformada em norma para ser ensinada e aprendida.

4.3.2.3 Grupo de fatores ‘SEXO’

Esta variável é muito discutida nos fenômenos de mudança lingüística ou variação estável. Porém, no que tange apenas ao fenômeno de mudanças lingüísticas, vários trabalhos apontam a atuação da mulher mais predominante para a forma prestigiada.

Vejamos os exemplos:

Masculino:

(102) ELES são VALENTE que é um colosso. (03P3L104MBNE)

(103) Diz que aparece MAIS DE DUZENTAS PESSOA, lá perguntando de mim.

(02P2L65MAE)

Feminino:

(104) Fiquemo escondido dentro da caverna TREIS DIA. (04P1L38FANE)

(105) Acho que tá até hoje, não sei se derrubaram AS MADERA.(01P1L36FBE)

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está dividido em duas etapas. Na primeira, estão expostos os grupos de fatores controlados na sua ordem crescente de número de ocorrência. Na segunda etapa, foram feitas algumas correlações entre os resultados da amostra 1 e os das amostras 2 e 3.

5.1 ETAPA 1- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA AMOSTRA 1

Nosso estudo contou com a análise de 526 SNs com marcas de plural distribuídos, ou nos elementos antepostos ao núcleos, ou no núcleo, ou nos elementos pospostos ao núcleo.

Tabela 3 - Número de SNs analisados nos textos orais espontâneos de informantes idosos de etnia cabocla de Caçador (SC)

Número de SNs com marca num dos elementos	Aplicação da regra formal em todos os elementos do SN	%
526	36	6,5

A etapa 1 tratou da análise dos dados a partir do controle das variáveis independentes descritas no capítulo anterior, com o objetivo de verificarmos *qual a influência de cada grupo de fatores na aplicação/apagamento de marcas redundantes de número em sin-*

tagmas nominais de textos espontâneos de informantes idosos de etnia cabocla de Caçador.

Reforçamos que a descrição e a exemplificação de cada fator constituinte dos grupos de fatores foram apresentadas no capítulo anterior, da metodologia.

Após a codificação de todos os elementos pertinentes, em função das variáveis relacionadas, obtivemos um total de 526 dados. Todavia, cumpre-nos observar que, em etapas intermediárias ou em análises alternativas, o número de dados pode variar. Scherre (1988) diz que devido à existência dos contextos pode implicar em presença categórica, positiva ou negativa da marca de plural. Muitas vezes apenas um elemento do SN é formalmente marcado, podendo, inclusive haver SNs sem nenhuma marca de plural.

5.1.1 Variável independente ‘relação com núcleo’

Tabela 4 – Relação com o núcleo e aplicação da regra X posição linear

Fatores	Não aplicação da regra formal	Total dos dados	%
Classe não-nuclear anteposta 1ª posição	463	463	100
Classe não-nuclear anteposta 2ª posição	12	15	80
Classe nuclear 1ª posição	6	8	75
Classe nuclear 2ª posição	0	446	0
Classe não-nuclear posposta 2ª posição ¹⁶	0	36	0
Classe nuclear nas demais posições	0	4	0
Total	481	526	42,5

Na tabela 1, contamos com um percentual alto de aplicação da regra, somando 42,5% dos 526 dados analisados. Entretanto, no nosso estudo, de modo geral, a aplicação da regra nos SNs como um todo (em todos os seus elementos) , se deu num percentual muito baixo. O que justificaria, então, esta ‘suposta’ contradição? Num primeiro momento, chama-

¹⁶ Neste caso, aparecem os modificadores, e também como modificador, a locução adjetiva. Como esta última é formada por um SN, percebemos que nossos informantes também apagavam o número no núcleo destes sintagmas.

mos a atenção do leitor para o fato de que, de modo geral, estes informantes idosos analisados usam os SNs de modo muito ‘econômico’. Ou seja: na sua grande maioria, seus SNs são constituídos de, no máximo, dois elementos e com aplicação da regra formal apenas no primeiro, como em *Os menino*. Raríssimos foram os dados encontrados com 3 ou 4 elementos nos SNs. Então, na realidade, se computarmos os 463 dados com marcação de número na ‘classe não-nuclear anteposta 1ª posição’ como SNs em que a aplicação da regra se mostrou falha (por se fixar apenas no elemento anterior ao núcleo, veremos que, a partir apenas do controle desta variável independente, cerca de 88% dos falantes idosos de Caçador não aplicam a regra de número em todos os elementos dos SNs, segundos o padrão formal da língua., nesta posição.

Já era previsto que a *classe não-nuclear na 1ª posição* fosse bem marcada formalmente, por estar na primeira posição do sintagma. Vejam os exemplos:

(116) OS carroceiros que vinham trazê salada, estes dexavam na rua AS carroça.(02P1L39MAE)

(117) Ele trouxe OS otros pra morre.(01P1L38FBE)

Como podemos constatar na tabela 1, a classe nuclear na 1ª posição teve um percentual de 75%, opondo-se à classe nuclear na 2ª posição que foi de 0%. Por estarem ocupando a primeira e a segunda posição no SN, poderíamos esperar uma maior marcação nas duas. Porém, Scherre (1988) também constata que o substantivo na primeira posição é menos marcado do que as classes antepostas que ocupam a primeira e segunda posição no SN.

Tabela 5– Resultados comparados: relação com o núcleo e aplicação da regra

Fatores	Scherre (1988) %	Fernandes (1996) %	Andrade (2003) %	Dados caboclos (2004) (2004) %
Classe não-nuclear anteposta 1ª posição	97	97	98	100
Classe não-nuclear anteposta 2ª posição.	97	89	93	80
Classe nuclear 1ª posição	95	94	73	75
Classe nuclear 2ª posição	53	52	41	0
Classe não-nuclear posposta 2ª posição	43	73	69	0
Classe não-nuclear nas demais posições	53	48	46	0
Total	73	75,5	70	42,5

Esse percentual de aplicação da regra na fala dos caboclos de cerca de 42%, contrapondo aos resultados de estudos descritivistas das autoras citadas (Scherre, 1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), que apontam a aplicação da regra acima de 70%, ficaria ainda mais discrepante, se voltarmos à observação feita em relação aos dados da tabela 1: a ‘economia’ de elementos nos SNs. Ou seja: se (des)considerarmos os resultados obtidos nas duas primeiras categorias levantadas na tabela 2 (classe não-nuclear anteposta 1ª posição e classe não-nuclear anteposta 2ª posição), teremos apenas cerca de 12% de aplicação da regra nos SNs nos caboclos analisados. E, se fizermos um refinamento maior, chegaremos a cerca de 6% de aplicação da regra.

A classe não-nuclear na 1ª posição é mais marcada que as demais. Porém, para Scherre (1998), a afirmação de que a primeira posição do SN é a mais marcada, não é, portanto, adequada. O elemento nominal não-nuclear pode estar até na terceira posição, mas, se estiver anteposto ao núcleo, apresenta mais chances de ser marcado do que o posposto. Além disso, o substantivo da primeira posição é menos marcado do que as classes antepostas que ocupam a primeira e a segunda posição dentro do sintagma. Há também, nos dados anteriormente citados, uma significativa queda nos elementos pospostos ao núcleo. O único resultado que possui uma diferença significativa é a classe nuclear na 2ª posição: Scherre 53%, Fernandes 52%, Andrade 41% dados caboclos 0%. O que podemos supor diante desse grande dife-

rencial de percentual seria a idade e a escolaridade, de nossos informantes. Para termos uma maior exatidão desta nossa suposição, observaremos a amostra posterior, informantes escolarizados e mais jovens no discurso formal.

5.1.2 Variável independente ‘saliência fônica’

Em 1976 Braga e Scherre, em pesquisa sobre concordância de número, dividem em cinco níveis: a) plural duplo (ovo/ovos); b) acréscimo de –S e mudança silábica (coração/corações); c) acréscimo de –ES em palavras terminadas em –R (cor/cores); d) acréscimo de –ES em palavras terminadas em –S (mês/meses); e, por último, acréscimo de –S em palavras de plural regular (casa/casas).

Nossos resultados:

Tabela 6 – Processos morfofonológicos de formação e aplicação da regra:

PROCESSOS	Aplicação da regra formal	Total dos dados	%
Terminado em –L	0	6	0
Terminado em –R	0	8	0
Regular	62	452	14
Terminado em –ÃO (ÕE)	0	26	0
Terminado em –S	0	13	0
Regular em –ÃO	0	14	0
Duplo ¹⁷	1	7	28,5
Total	62	526	42,5

Com relação ao processo morfofonológico de formação do plural, as palavras terminadas em –L, segundo Scherre (1988) fazem o plural com a inserção de –S e alterações silábicas. Nossos informantes não se utilizam do –S para marcar plural. O número se dá apenas com alterações silábicas.

¹⁷ Exemplo de ‘Processo duplo’: ‘o zóio’

As palavras terminadas em -L e -R tiveram percentual extremamente baixo de aplicação da regra: 0% respectivamente.

As palavras terminadas em -S e -Z a aplicação da regra foi de 0%, pois nos dados analisados percebemos que não há inserção de -ES. Nesses dados, os informantes fizeram somente a inserção silábica do “i” anterior ao -S (Ex: “E daí , quando os RAPAIZ cresceram... (01P1L18FBE)).

Observamos que, para nossos informantes, o fato da ausência de um simples -S (as mesas – as mesa) não faz tanta diferença foneticamente quanto a ausência de -ES (os mares – os mar); ou a mudança de -L para -EIS (provas fáceis – provas fácil). As palavras terminadas em -S (os meses – os mês) também tiveram pouca aplicação da regra. Pensamos que é pelo fato de o -S já ter como característica semântica a marcação de plural. Os trabalhos anteriores concluíram que as formas mais salientes são mais marcadas.

Tabela 7– Resultados comparados: percentuais de aplicação da regra na variável independente `saliência fônica`

PROCESSOS	Scherre (1988) %	Fernandes (1996) %	Andrade (2003) %	Dados caboclos (2004) %
Duplo	93	81	33	28,5
Terminado em -L	86	77	90	0
Terminado em -ÃO (ÕE)	86	74	42	0
Terminado em -R	88	73	72	0
Terminado em -S	83	68	43	0
Regular	70	71	69	14
Regular em -ÃO	100	59	41	0
Total em percentual	86,5	72	55	6

Analisando os percentuais da tabela podemos verificar que nossos resultados contrastam muito com os demais estudos das outras autoras. Para melhor compreendermos estes resultados, levantamos quatro grandes hipóteses: uma de natureza diatópica (aqui, a questão étnico-geográfica é muito forte/evidente), outra de natureza diacrônica (cerca de 20 anos à frente dos dados da Scherre), outra de natureza diastrática (profissão, classe social, situação

sócio-econômica) e outra de natureza social (sexo, idade avançada, escolaridade nula ou quase nula).

5.1.3 Variável ‘classe gramatical’

Tabela 8 – Classe gramatical e marcação de plural

Classe	Aplicação	Total	%
Artigo e demonstrativo	341	341	100
Indefinido	16	18	88,88
Quantificador	32	40	80
Cat. Substantivada	3	14	21,42
Possessivo	18	19	94,73
Substantivo	0	534	0
Adjetivo	0	21	0
Total	410	987	41,54

Analisando a tabela das classes gramaticais, observamos que houve maior ausência do morfema de número nos artigos, possessivos (94,73%) e demonstrativos indefinidos, provavelmente por ocuparem a primeira posição no sintagma. Depois, temos o quantificador (80%) que na maioria das vezes ocupa a primeira posição e, certamente, por isso também têm mais a variante [s]. Na categoria substantivada (21,42%) houve maior ausência do morfema de número nos substantivos (0%). O substantivo e as categorias substantivadas desfavorecem a aplicação da regra, por estarem na primeira, segunda e terceira posição, há variação de aplicação. E o adjetivo foi o que menos aplicou a regra (0%), provavelmente por aparecer na primeira posição após o núcleo do SN. Podemos concluir que os substantivos e adjetivos têm menos marcas de plural que os determinantes, por aparecerem com mais frequência nas segundas e terceiras posições.

5.1.4 Variável ‘sexo’

Vejamos as seguintes tabelas:

Tabela 9 – Distribuição da marcação de plural em SN, segundo o sexo dos informantes:

Gênero	Não Aplicação da regra formal	Total	%
Feminino	27	343	8
Masculino	9	183	5
Total	36	526	6,5

Os resultados desta tabela mostram que nossos informantes não utilizam formas estruturais complexas no SN. Há uma ausência de marcação de número em pelo menos um elemento do SN. Temos de salientar, que mesmo não podendo colocar os índices de pluralidade na tabela, elas existem em número significativo. Sendo assim, não se pode confirmar a hipótese, que as mulheres marcariam mais por serem mais sensíveis às formas lingüísticas em prestígio.

Tabela 10 – Distribuição da marcação de plural em SN segundo Sexo nos estudos correlatos entre os informantes do Rio de Janeiro (Scherre, 1988), Florianópolis (Fernandes, 1996) e Tubarão (SC) e São Borja (RS) (Andrade, 2003):

GÊNERO	%.			
	RJN	FLN	TUB/SOB	CDR
Feminino	72	73	73 / 68	8
Masculino	67	70	70 / 66	5
Total	139	143	143/134	13

O controle da variável escolaridade nestes, quatro informantes idosos também não se mostrou significativa, dada a aproximação deste nível: ausência de escolaridade (dois informantes) e escolaridade mínima (dois informantes semi-escolarizados).

5.1.5 análise entre posição linear e classe gramatical

Tabela 11– Análise de posição linear e classe gramatical quanto à aplicação da regra

CLASSE	Posição	Não aplicação da regra	Total	%
ARTIGO E DEMONSTRATIVO	1	326	326	100
	2	15	15	100
POSSESSIVO	1	12	12	100
	2	5	6	83
INDEFINIDO	1	16	18	88
	1	2	4	50
SUBSTANTIVO	2	0	446	0
	3	0	35	0
	1	13	13	100
CAT. SUBSTANTIVADA	2	13	15	87
ADJETIVO	2	20	20	100
QUANTIFICADOR	1	10	10	100
	2	28	30	93

Através dessa tabela, podemos verificar que a primeira posição é ocupada principalmente por determinantes. Em dados caboclos (2004), a primeira e a segunda posições favorecem a aplicação da regra. Nas duas posições, houve mais presença do morfema de número. Nas outras classes gramaticais, a primeira posição é sempre mais favorável à aplicação da regra do que a segunda e a terceira.

Também podemos observar que há um número considerável de substantivos na segunda posição, os quais possuem menor percentual de aplicação da regra do que os da primeira posição. Igualmente temos a maioria dos indefinidos e quantificadores ocorrendo na primeira posição e todos bastante marcados com a presença do morfema de número. A maioria dos adjetivos também ocorre na segunda posição

Os possessivos utilizam-se da aplicação da regra, tanto na primeira posição – acompanhando o percentual da maioria nesta posição – quanto na segunda.

Na segunda posição, observa-se a maior ocorrência dos substantivos sendo que predomina a ausência da aplicação de regra em relação à primeira. A categoria substantivada está bem distribuída entre a primeira e a segunda, sendo que a primeira favorece mais a aplicação da regra do que a segunda e terceira posições.

Podemos hierarquizar os dados, conforme o percentual, da seguinte maneira:

Tabela 12– Análise de posição linear e classe gramatical na aplicação da regra- organização hierárquica dos dados

Classe	POSIÇÃO	Aplicação da regra	Total	%
Artigo e demonstrativo	1	326	326	100
	2	15	15	100
	3	12	12	100
Adjetivo	1	1	1	100
Quantificador	1	10	10	100
Cat. Substantivada	1	13	13	100
Adjetivo	2	20	20	100
Quantificador	2	28	30	93
Indefinido	1	16	18	88
Cat. Substantivada	2	13	15	87
Possessivo	2	5	6	83
Substantivo	1	2	4	50
Substantivo	2	0	446	0
Substantivo	3	0	35	0

O que podemos concluir a partir dessa tabela é que não somente os determinantes favorecem a aplicação da regra, mas também a maioria das classes que aparecem na primeira posição. Os dados mostram que os demonstrativos, em qualquer uma das três posições, retêm a presença do morfema de número [-S].

A categoria substantivada, na primeira posição retêm a presença do morfema de número [-S], porém na segunda posição, isto não ocorre, obtendo um percentual de 87%.

5.2 AMOSTRA 2-TEXTOS ORAIS FORMAIS

Nosso objetivo de realizarmos a análise da amostra 2 é o de estabelecermos uma correlação entre os resultados da amostra 1 e os desta amostra (amostra 2).

A amostra 2 contou com dois informantes, com cerca de vinte minutos de entrevista em televisão e rádio. A seleção dos informantes tomou como critério fatores de natureza não-lingüística muito semelhantes, como a idade e escolaridade faixa etária escolhida foi **A** (de 30 a 39 anos) e **B** (de 40 a 50 anos) e ambos com nível de escolarização de pós-graduação.

Na tabela seguinte, a seguir, apresentaremos o total de dados analisados:

Tabela 13- Dados orais da amostra 2, com aplicação da regra no SN.

Caçador (SC)

Não aplicação da regra formal	Total de SNs	%
60	83	72,28

Na tabela 13, observamos que os resultados alcançados estão mais próximos dos estudos das outras pesquisadoras neste fenômeno: em cerca de 72% dos SNs não houve aplicação da regra formal.

5.3 AMOSTRA 3- TEXTOS ESCRITOS DE INFORMANTES EM SÉRIES INICIAIS

Nesta parte do trabalho, propomo-nos a investigar o nível da extensão (ou não) da oralidade (que, como vimos, na fala de caboclos idosos, se dá quase que categoricamente sem marcas de plural) na produção textual de crianças caboclas, de escola de periferia do município de Caçador, na fase inicial de aquisição da escrita, por estas ainda não conhecerem/dominarem o padrão formal da língua, dado a partir de regras firmadas numa metalíngua não-comum a crianças com um ano incompleto de escolaridade.

Os dados serão analisados e comparados aos resultados anteriores, observando, assim, o comportamento de nossos informantes no texto oral informal e formal e no texto escrito, diante das variáveis propostas.

O número de crianças que participaram da investigação foi um número muito restrito: 10 ao todo, conforme a tabela 14, abaixo:

Tabela 14- Textos escritos de informantes infantis de etnia cabocla de Caçador (SC) em séries iniciais

No. Do Informante	Sexo	Idade (A = 6 anos e B = 7 anos)
1	M	B
2	F	B
3	M	A
4	F	B
5	F	B
6	M	A
7	F	A
8	F	B
9	M	B
10	M	B

Distribuimos 10 informantes caboclos, sendo 5 deles do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A faixa etária escolhida foi **A** (6 anos) e **B** (de 7 anos). O controle da escolaridade obedeceu ao seguinte critério: todos os informantes com 1 (um) ano incompleto de escolarização.

Vejamos na tabela a seguir a distribuição dos resultados alcançados:

Tabela 15- Dados escritos com aplicação da regra de CN a SNs

Não aplicação da regra formal	Total de dados analisados	%
15	19	78,5%

Na pequena amostra de dados escritos coletada por informantes de séries iniciais, os resultados alcançados evidenciam uma extensão da ausência de marcas de número plural nos elementos constituintes dos SNs: conforme a tabela 15, acima, cerca de 78,5% dos SNs do tipo 'Det + N' não se apresentaram com marca de plural conforme prevê a regra formal. Ou seja: mantiveram a marca de número apenas no primeiro elemento do SN. Resta-nos, agora, darmos seqüência do estudo a amostras maiores de textos escritos, no sentido de abrangermos outras faixas etárias e níveis de escolaridade também.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se afirmou na introdução deste trabalho, o objetivo maior desta pesquisa, para nós, era de descrever e analisar os fatores lingüísticos e extralingüísticos, seguindo a Teoria da Variação Lingüística, que estejam condicionando o uso variável da concordância nominal de número em textos orais de informantes de etnia cabocla da região de Caçador (SC).

Estamos certos de que os objetivos propostos na introdução foram alcançados, pois através desta pesquisa verificamos os fatores extralingüísticos que motivam o uso variável da concordância nominal de número, testando as hipóteses de Scherre (1988), sob a perspectiva da sociolingüística laboviana; captamos, em situação não-espontânea (formal), as formas de expressividade mecânica (por estarem em situações de entrevista de televisão e rádio) do texto oral dos informantes selecionados; observamos o reflexo do discurso oral em textos escritos, em crianças das séries iniciais, com um ano de escolarização, portanto em fase inicial da aquisição da escrita e, finalmente, entendemos ter contribuído para a realização efetiva de uma gramática descritiva do português falado no Brasil.

Corroboramos nossa hipótese de que o meio social influencia a língua materna, contrariando o desempenho lingüístico de nossos informantes, a norma padrão do português, pois os falantes caboclos também não retêm o morfema de número ao longo dos termos constituintes do SN, como em demais regiões do Brasil. Isso reafirma o que as demais autoras

pesquisadoras da área pronunciam: a posição linear é um fator muito importante para a concordância nominal. Os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à aplicação da regra e a posição posposta ao núcleo do SN, apresenta menor retenção de número.

Como não seguimos a seleção dos grupos de fatores de acordo com o programa VARBRUL, procuramos basear-nos no procedimento das autoras, anteriormente citadas, para que pudéssemos avaliar os dados de nossos informantes. Procuramos correlacionar os resultados das amostras para que pudéssemos observar o posicionamento dos textos orais espontâneos, textos orais não-espontâneos e textos escritos diante das variáveis.

Entendemos que seria importante, aqui, neste momento de considerações, correlacionarmos nossos resultados com os das autoras, porém já o fizemos na etapa 1, da análise dos dados. Vejamos as variáveis :

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS CONTROLADAS
1. POSIÇÃO LINEAR
2. CLASSE GRAMATICAL
3. RELAÇÃO COM O NÚCLEO
4. SALIÊNCIA FÔNICA
5. TONICIDADE DOS ITENS
VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS CONTROLADAS
SOCIAIS
1. Sexo
2. Idade
3. Escolaridade
DIATÓPICA
Todos os 4 informantes são da região urbana do município de Caçador (SC)
DIATRÁTICAS
Todos os 4 informantes são aposentados como trabalhadores rurais, com vencimento em torno de 1

salário mínimo e meio.

Com relação às variáveis lingüísticas, chegamos às seguintes conclusões:

1) Variável ‘*relação com o núcleo*’ - Em todos os textos, observamos que a *classe não-nuclear na 1ª posição* foi bem marcada formalmente por estar na primeira posição do sintagma. Podemos dizer que a primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção do morfema de número, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer de forma decrescente a presença de aplicação da regra no SN. Neste momento, interessante se faz ressaltar que, de modo geral, nossos informantes idosos analisados usam os SNs de modo ‘econômico’: utilizam-se, na sua grande maioria de SNs constituídos de, no máximo, dois elementos e com aplicação de regra apenas no primeiro. Partindo apenas do controle desta variável independente, cerca de 88% dos falantes idosos de Caçador não aplicam a regra de número nos SNs, segundo o padrão formal da língua.

Os nossos resultados reafirmam assim o que os estudos anteriores revelam: elementos antepostos ao núcleo são mais marcados com morfema de número que os pospostos.

Na análise dos fatores ‘*classe nuclear 2ª posição*’ há uma diferença relativa entre os percentuais dos dados dos informantes de textos espontâneos (0%) e textos escritos (0%) com os dados dos textos não-espontâneos (63,64%). Podemos aqui, concluir que o formalismo escolar não influenciou no percentual dessas duas amostras (1 e 3).

2) A *saliência fônica* – Os resultados nos mostram que os plurais regulares favorecem mais a aplicação da regra do que os plurais irregulares e que há também, uma aproximação dos resultados entre os textos orais espontâneos e escritos. Neles, observamos que o fato da ausência de um simples –S não interfere, por já ter como característica semântica, a marcação do plural. Outro resultado nos chamou a atenção foi a aplicação da regra de 69% em textos orais não-espontâneos. Esperávamos que, pelo alto grau de escolaridade isso não ocorres-

se, porém entendemos que as influências sociais e étnicas interferiram no texto oral, mesmo que este esteja em situação de formalidade. Os itens terminados em –ÃO, no texto escrito, apresentam uma característica peculiar: a aplicação formal da regra (L046MA-... e *tao creceu a arvore de LIMOES e futos.*).

3) Variável ‘*classe gramatical*’- Com relação à classe gramatical percebemos que nos sintagmas houve maior presença de morfema de número nos artigos e demonstrativos indefinidos, provavelmente por ocuparem a primeira posição. O substantivo desfavorece a aplicação da regra da variável. Podemos concluir que os substantivos e também a categoria substantivada têm menos morfemas de número que os determinantes, por aparecerem com mais frequência nas segundas e terceiras posições.

4) A análise da ‘*posição dos itens no SN*’ separadamente não foi tão relevante, pois a aplicação ou não de uma regra de concordância é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo deste sintagma, ou seja, como já falamos acima, a aplicação é maior nos elementos antecedentes ao núcleo e significativamente menor nos elementos posteriores ao núcleo.

As conclusões a que chegamos a partir da análise das variáveis extralingüísticas foram as seguintes:

1) Variável ‘*sexo*’- Os resultados nos mostram que os informantes idosos caboclos não utilizam formas estruturais complexas no SN (poucos foram os sintagmas com mais de dois elementos), e que há uma ausência de marcação de número em pelo menos um elemento do SN. Em relação à variável ‘*sexo*’, a aplicação da regra não se mostrou significativa, uma vez que a diferença entre idosos e idosas foi cerca de 3%. Sendo assim, não se pode confirmar a hipótese que as mulheres marcariam mais por serem mais sensíveis às formas lingüísticas de prestígio.

2) Variável ‘escolaridade’- O controle da variável ‘escolaridade’ nestes quatro idosos não se mostrou significativa, dada a aproximação deste nível. Devemos, porém, ressaltar que os informantes de textos orais não-espontâneos mostraram que mesmo tendo uma formação alta de escolaridade (pós-graduação) utilizam-se, de um percentual significativo de apagamento de morfema de número nos SN analisados.

3) Variável ‘idade’- A análise desta variável se deu por termos interesse em observar a aplicação da regra no SN de nossos informantes em diferentes situações de texto (oral/escrito). Confrontamos os dados dos informantes de textos espontâneos e de textos escritos e percebemos que não há uma diferença relativa no percentual, pois o mais novo utiliza-se de 21% de não aplicação da regra e o mais velho de 0%. Como em Scherre (1988) a distribuição etária, considerando todos os falantes, continua a se mostrar levemente curvilínea: a maior diferença encontrada é entre os dados dos textos não-espontâneos e textos escritos.

Finalizando, gostaríamos de ressaltar que a principal relevância deste estudo é contribuir no mapeamento da concordância nominal de número no português do Brasil, e dizer que o português brasileiro não apresenta distinção geográfica e ou/ social.

Nesta perspectiva, nós, professores de Língua Portuguesa, devemos olhar o papel da oralidade e da escrita sob um ângulo da teoria variacionista, que se dedica a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e socioletal, com grande sensibilidade para os conhecimentos dos indivíduos que enfrentam o ensino formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e contínuos da concordância nominal em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. 1ª edição, São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Preconceito Linguístico**. 21ª edição, São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa**. 2ª ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BRAGA, Maria Luíza. **A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, Departamento de Letras e Artes, 1977.

CAMACHO, Roberto G. **A variação linguística**. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º grau. Coletânea de textos-Volume 1. São Paulo: Secretaria da Educação(1988).

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DUBOIS, Jean. *et all.* **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. **Prática de textos: língua portuguesa para nossos estudantes.** Petrópolis: Vozes, 1992.

FARACO & MOURA. **Gramática.** 12 ed, São Paulo, SP: Ática, 2000.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na Região Sul.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1996.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística.** Editora Ática, 1986.

KLEIMANN, Ângela. **Os significados do Letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. **Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 4ª reimpressão, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** Editora Contexto, São Paulo, SP, 2000.

GIVÓN, T. **SYNTAX – a functional typological introduction.** Linguistics Department, University of Oregon, Euygene, John Benjamins publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 1990.

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history.** Philadelphia, University of Pennsylvania, 1981. Ph. D. Dissertation.

LABOV, Willian. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, Mirian & NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Ford, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita- Atividades de retextualização**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2001.

_____, et all, Ines Signorini (org) - **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: mercado das Letras, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOURA, Heronides M. de Melo, & SILVA, Fábio Lopes da. **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis, SC: Insular, 2000.

NARO, Anthony Julius. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.) **Introdução à sociolingüística Variacionista**. Cadernos didáticos FL/UFRJ, 1992.

NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região da Bragantina**. Porto Alegre: PUC/RS, 1980. Dissertação de Mestrado.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Vol 2, Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1997.

PERINI, Mário A . **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2001.

POPLACK, Shana. **The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: Language**, LSA.1980.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. 6ª Reimpressão, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo, SP: Cultrix, 1999.

SANTIAGO, S. **Em liberdade.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1981.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & BRAGA, Maria Luisa. **A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro.** In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, Rio de Janeiro, PUC, 1976.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português.** Rio de Janeiro: PUC/RJ, Departamento de Letras e Artes, 1978. Dissertação de Mestrado.

_____. **Reanálise da concordância nominal em português.** UFRJ, Rio de Janeiro, 1988. Tese de Doutorado.

_____ & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. **Padrões Sociolingüísticos; Análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1998.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X língua que se ensina.** São Paulo, SP: Contexto, 2001.

REIS, Mariléia Silva dos. **Atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista.** Tese de Doutorado - Departamento de Letras / Lingüística. UFSC, Florianópolis, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP. 1989.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Editora Pontes, 1988.

VALENTINI, Delmir José. **Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias do sertanejo e a Guerra do Contestado**. Caçador: Universidade do Contestado, 1998. 192 p.